

SCIENCIAS.

PHYSICA INDUSTRIAL.

1.º ARTIGO.

FERMENTAÇÃO ALCOHOLICA.

Untre os phenomenos mais interessantes, e variados que a chimica organica nos apresenta, nenhum sem duvida existe tão notavel, nem mais digno de fixar nossa attenção, do que a acção mysteriosa dos fermentos desenvolvida na fermentação, qualquer que seja o ponto de vista sob que o consideremos.

Doze são hoje as fermentações conhecidas; com tudo por agora só trataremos da vinhosa, e depois do vinho. Antes porém de entrarmos em materia, exporemos os principios communs a todas as fermentações.

Occupamo-nos do vinho por ser este hum dos objectos que poem em movimento maior somma de capitaes, e, sendo de extraordinario consummo, não pôde deixar de interessar o conhecimento de seu fabrico, dos meios de determinar sua falsificação, como os de curar o que denominam *suas molestias*. Acresce que, sendo este hum producto em circumstancias de acclimatar-se em nossas provincias do sul, releva discriminar a pratica da rotina (*). Finalmente porque, sendo esta fermentação a mesma que se desenvolve nas nossas distillarias, dispomos por tal arte os fazendeiros á facil intelligencia dos phenomenos apresentados na passagem de seus vinhos á agoardente.

Isto posto chama-se *fermentação* huma reacção,

(*) Não he só a cultura da vinha e o fabrico do vinho, que produziria grande vantagem ao paiz: nas provincias do sul, estamos persuadidos que mui bem medraria o trigo logo que se tomassem as precauções observadas em Europa. Nas outras o governo devia proteger o plantio e fabrico do anil, da baunilha, da cochonilha, a propagação dessas arvores que no norte dão tanta cora; e mesmo a fabricação do citrato de cal, etc.

espontanea, ou alteração chimica excitada no interior de huma massa organica pela presença de outra substancia, sem que esta nada ceda nem receba do corpo que decompoe. Esta substancia activa denomina-se *fermento*.

Para que este agente produza seus effeitos sobre a massa organica, he necessario o concurso de tres circumstancias: existencia de ar atmospherico, agua, e huma temperatura de 15 a 25 grãos se se procura obter o alcohol, e mais elevada se o fim he conseguir o vinagre (**).

(**) Nós conhecemos que a agua he de toda a necessidade na fermentação para multiplicar os pontos de contacto do fermento com a substancia organica, e onde os liquidos gelam, ou onde huma rapida evaporação os faz desaparecer não ha fermentação. Disto temos exemplos palpaveis. Em alguns lugares do norte a carne que se deve comer no inverno he morta no principio desta estação, e se conserva fresca durante toda ella, por isso que os liquidos interiores congelam-se, o fermento se solidifica, e a parte exterior cobre-se de huma camada de gelo que impede a penetração da humidade. Da mesma sorte os cadaveres se conservam nas arcoas do Egypto pela força do calor que produz phenomenos identicos. Conhecemos tambem que hum certo grau de calor seja necessario para manter na substancia a fluidez mais consentanea a fermentação que se tem em vista; porém não he para nós provado que para se desenvolver a fermentação em todas as circumstancias seja preciso o ar atmospherico. Apresenta-se como prova desta necessidade a experiencia do illustre Gay-Lussac. Este grande chimico introduz em huma atmosphera de acido carbonico hum bago de uva, ali o esmaga, e enquanto o bago esmagado se conserva nesta atmosphera não ha fermentação; algum tempo depois que d'aqui sahe para o ar a fermentação principia. Qualquer que seja o respeito devido a hum sabio tão eximio, diremos que nos parece dever-se preferir huma atmosphera de azoto, á do acido carbonico. Todos sabem que não se pode impunemente respirar o acido carbonico, entretanto que se pôde respirar o azoto, e que se depois de algum tempo soffre-se, não he por mal que nos causa esse gaz, mas pela necessidade que a economia animal tem do oxygenio para sua conservação. Quem nos garante que a atmosphera de acido não he nociva á fermentação?

Nesta experiencia só existia albumina e gliadina, materias que precisam do ar atmospherico para se constituirem fermento. Estamos pois persuadidos que para a conclusão ser geral era preciso empregar a levadura, como agente, e substituir tudo a huma atmosphera de azoto. Parece-nos que o ar só he necessario para elevar a materia azotada a fermento, pois co-

DO FERMENTO.

Substancias ha que apenas são postas em contacto com a massa organica em as circumstancias acima expostas, que determinam logo a fermentação, outras passam primeiro a fermento para depois começarem sua acção. As primeiras são a levadura, os liquidos em fermentação, os fermentos deixados pelos succos depois da fermentação, e os fermentos artificiaes; porém estes só tem toda energia no fim da primeira fermentação por elles produzida. As outras são todas as materias albuminosas; a gliadina he a mais activa.

Vê-se pois que todas as materias azotadas são ou podem vir a ser fermentos.

O fermento introduzido em agua fervendo perde em parte ou em totalidade sua força, segundo o tempo que nella se demora; porém depois de certo tempo que está em contacto com agua, assucar, e com a temperatura exigida para a fermentação, ella se manifesta com lentidão. Ha com tudo meio de restituir-lhe toda sua energia.

MANEIRA DE OBBAR DO FERMENTO.

A fermentação não se explica nem pelas hez conhecidas da afinidade, nem por forças taes como a electricidade, a luz, e o calorico. Com effeitos nas reacções chemicas ordinarias hum corpo une-se a outro para formar hum composto, ou então hum corpo separa outro de huma combinação para occupar o seu lugar em virtude da maior afinidade. Tambem nos phenomenos da decomposição vemos intervir já o calorico, já a luz, já a electricidade; forças cuja essencia desconhecemos, mas cujos effeitos nos são bem conhecidos.

Eis como M. Dumas explica este phenomeno: « A fermentação he hum artificio pelo qual a natureza desdobra as materias organicas complexas para conduzir a fórmãs mais simples. »

Diz o mesmo autor: « O fermento obra como huma pilha galvanica. » Com effeito, se soldarmos por huma de suas extremidades duas laminas, huma de cobre, outra de zinco, depois fizermos com esta peça hum arco, e mergulharmos cada huma das pontas em hum copo, contendo agua acidulada, teremos hum elemento da pilha em acção, que para facilitar a explicação tomamos pela pilha galvanica.

Se de outra parte tomando hum copo de pé, fi-

zermos junto ao fundo dous pequenos furos, e por cada hum destes passarmos hum fio de platina, de maneira que no interior delle fique huma porção menor do que a altura do fundo do mesmo copo á borda, e o resto fóra, depois, ligando os fios ao copo por meio de lacre, introduzirmos suas extremidades exteriores; huma no vaso que contém o zinco, outra no em que está o cobre, teremos hum apparelho proprio a decomposição d'agua (*). Com effeito, se deejarmos agua no vaso vasio, ella se decomporá; e a pilha sem nada perder, nem receber, desdobrárá hum composto em seus simples.

Se antes do vaso, que serve á decomposição, communicar a pilha por intermedio dos fios, tomarmos dous pequenos tubos de vidro, da grossura de hum dedo, fechados em huma de suas extremidades, enchendo-os de agua, os collocamos no copo, contendo os fios metalicos, de maneira que envolvendo cada hum delles hum fio, suas extremidades abertas se apoiem sobre o fundo do copo, conservando-se nesta posição cheios d'agua, teremos o mesmo apparelho que antecedentemente, porém aqui os resultados da experiencia serão mais sensiveis, e obteremos como consequencia os principios de que necessitamos.

As cousas neste estado permaneceriam por muito tempo sem que nenhum phenomeno se manifestasse; porém apenas introduzirmos os fios metalicos nos vasos da pilha do modo acima indicado, que immediatamente a agua começará a descer nos tubos, até ficarem estes vasios. Se tivermos pesado a agua dos tubos e do copo antes da experiencia, no instante em que os tubos estão vasios, notaremos no ultimo caso huma diminuição.

Os tubos estando vasios, tomemos o que envolve o fio correspondente ao cobre da pilha, e tendo-o verticalmente com a abertura para baixo, a ella applicuemos a luz de huma bugia; instantaneamente ouve-se huma especie de assobio, a bugia apaga-se, e huma pallida chamma apparece no interior do tubo.

Se praticarmos o mesmo ensaio com o outro tubo, observacemos que a luz da bugia, longe de apagar-se, brilha com grande intensidade, e nenhuma chamma se manifesta na parte interna do tubo. Accresce que, apagada a bugia, ficarem alguns pontos iguaes, approximando-a da extremidade aberta do tubo, ella se ornará de brilhantissima chamma.

Vê-se pois que em cada hum destes existe hum

meçada a fermentação a acção do ar torna-se nociva, entretanto que agua e temperatura são precisas durante todo o tempo da operação, por isso talvez empregando a levadura, possa-se prescindir do ar.

(*) Estamos certo de que não será com hum elemento da pilha que se conseguirá este resultado, porém esta supposição facilita-nos a explicação demais, tendo-se hum elemento, facil ho reunir dous, tres, etc. o obter a pilha: foi taubem pelo motivo, que de preferencia empregamos a pilha em grinalde apesar de ser a menos energica e a mais incommoda.

corpo differente, e que, pelo acima exarado, estes dous corpos só provirão da decomposição d'agua; todavia se existe ainda alguma duvida, ella se transformará em convicção da seguinte maneira: reunam-se os dous corpos em hum vidro, e chegue-se á boca huma bugia accesa (com as requeridas precauções), hum estrondo se ouvirá, os corpos se estão na proporção exigida, desaparecerão inteiramente, e, em seu lugar ficará huma quantidade de agua, que, suppondo não ter havido perda de algum dos corpos acima, será igual á que faltava no fim da experiencia antecedente.

Estes corpos, por isso que só podem ser retidos em vasos fechados, que opponham resistencia á força expansiva de suas moleculas tem o nome de *gazes*: o que não alimenta a combustão, e pelo contrario he queimado, dando pallida luz, chama-se *hydrogenio*. Elle entra na composição d'agua na proporção de 2 volumes por hum do outro gaz, ou de 12,49 em peso. O que activa a combustão denomina-se *oxygenio*: este contribue para a formação d'agua na razão de hum volume por dous do hydrogenio, ou de 100 em peso por 12,49 do mesmo hydrogenio. D'ora em diante entenderemos por agua a combinação destes dous gazes na proporção acima.

O oxygenio he o corpo mais necessario que se conhece, elle entretem a respiração dos animaes, obra na fermentação, alimenta a combustão, e combina-se com todos os corpos. Sua actividade porém sendo extraordinaria, a natureza, para attenuar seus effeitos, o dissolveo em outro gaz, que se appellida *azote*. A terra acha-se cercada da mistura destes dous gazes na proporção de 21 de oxygenio e 79 de azote, que tem o nome de *ar atmosferico*, e a massa total que circumscreve o globo terrestre, elevando-se a altura de 16 leguas acima delle o de *atmosfera*.

Na atmosfera existe tambem huma pequena e variavel porção de outro gaz, chamado *acido carbonico*, cujo conhecimento, quando, para boa intelligencia da fermentação, não fóra indispensavel, seria interessantissimo pela sua influencia na economia animal e nas artes. Assim he talvez á sua força expansiva no estado liquido que está destinada á producção do movimento nas machinas de vapor, he com elle, neste mesmo estado que se produz no interior dos laboratorios o frio dos polos, e se força o mercurio a gelar a ponto de receber o cunho de huma medalha: poderiamos mostrar diversas outras applicações, mas não sendo esse o nosso fim passamos a ver como se pôde obter.

No carvão em geral existem saes, materias terras, etc. e huma substancia denominada pelos chimicos *carbone* que he o carvão puro. Logo que se queima esta materia, os saes, terras, etc., dão em resultado a cinza, o carbone, combinando-se com o oxygenio em volumes iguaes, transforma-se em hum gaz que he o acido carbonico. Parece que a formação seria mais sensivel, se na natureza existisse

o carbone isolado, porque entao, queimando-se, não deveria deixar residuo: he justamente o que acontece. Este carbone he o diamante, cujo producto de combustão he o acido carbonico. Este gaz desenvolve-se nas fermentações, nas combustões, e na respiração dos animaes, e mesmo ha fontes na superficie da terra deste gaz; tal he a *Gruta do Cão*. Dissemos que sua quantidade, na atmosfera era pequena e variavel, (assim deve ser pois suas propriedades sao apagar a luz, e asphyxiar os animaes) agora deparamos com activos e continuados productores de enormes quantidades deste gaz porém facilmente nos convenceremos da existencia de huma diminuta porção na atmosfera quando soubermos que a materia verde dos vegetaes apprehende este gaz, o decompõe, absorvendo o carbone, e reenviando o oxygenio. Sao pois os vegetaes, nessa parte, os purificadores da atmosfera.

Até aqui mostramos a analogia do fermento com a pillula, cuja opinião até certo ponto partilhamos, porém o Sr. Dumas continúa: « se penetramos mais profundamente os phenomenos da fermentação, veremos que elles parecem pertencer á ordem daquelles que tem regularmente lugar nos actos da vida animal; e o fermento apresenta-se como hum ser organizado, absorvendo em proprio proveito a força que unia as particulas dos corpos submettidos á fermentação. » De tudo quanto este Sr. expoe em favor da nova analogia só transcreveremos a seguinte observação: « Se o fermento fór posto em contacto com huma substancia organica, contendo materia azotada, no fim da fermentação, terá adquirido hum volume 7 vezes maior. » Donde conclue ser o fermento hum composto de animalculos que encontrando a sustentação necessaria cresceram e reproduziram-se. Esta theoria he bella e seductora, mas quanto terá de justo? he o que o tempo mostrará. Não sabemos nós que se as substancias submettidas á fermentação, logo que contém varias materias azotadas, estas passam a fermento, e depois de terem produzido o seu effeito, depositam-se? o mesmo deve acontecer logo que se introduz em taes substancias o fermento, por isso este augmentará de volume, qualquer que seja a hypothese que se figure.

DO DESENVOLVIMENTO E PHENOMENOS DA FERMENTAÇÃO.

A fermentação será tanto mais prompta, e mais rapida, quanto o licor submettido a ella mais se approximar do typo seguinte: 20 d'agua, 5 de assucar, e 1 de fermento; isto para o assucar de cana, pois neste, antes de começar a fermentação, ha hum trabalho preliminar tendente a trans-

formar este assucar em outro, chamado assucar de uvas. Quando se emprega este, o typo he 160 d'agua, 40 de assucar, 1 de fermento. Suppostas preenchidas todas as condições necessarias, algum tempo depois começam a formar-se no interior do liquido pequenas bolhas, que, reunindo-se, sobem á superficie: a transparencia do licor altera-se, e em sua massa apparece hum movimento em tudo semelhante ao da fervura. Em breve de todos os pontos da massa partem bolhas com rapidez tal que, turvando o licor, formam na superficie huma espessa camada suspendida pelo acido carbonico, a que dão o nome de *chapeo* da dorna. Ha hum instante em que a temperatura, depois de se ter elevado, pára, e depois retrograda até nivelar-se com a da casa; então o chapéo abate-se, e a fermentação finaliza.

Vê-se que durante a operação o fermento tende a desdobar o assucar em alcohol que se dissolve no liquido, e em acido carbonico que passa á atmosphera; a principio a acção he fraca, por isso pouco acido carbonico he desenvolvido, o que nos mostra o pequeno numero de bolhas, e a exigua elevação da temperatura, dahi a acção vai rapidamente crescendo até chegar ao seu maximum, o que se torna visivel pela accleração do liquido e o gráo de calor por elle apresentado; desse instante em diante tudo declina a seu fim, e se a operação foi bem acabada, cessando a fermentação, deve existir no liquido 51,2 de al-

cohol por 100 de assucar, e deve ter passado a atmosphera 48,8 de acido carbonico.

ACÇÃO DOS DIFFERENTES CORPOS SOBRE A FERMENTAÇÃO.

Os acidos (*) mineraes impedem a fermentação, excepto o acido arsenioso que em certa proporção activa a fermentação. Todos porém conhecem o perigo que ha em empregal-o.

Os acidos organicos huns protegem, outros contrariam, outros emfim impedem a fermentação.

O acido acetico, e mesmo o vinagre na proporção de 1/4 do assucar excita prompta e activamente a fermentação.

O acido citrico, e mesmo o limão a contraria. O acido prussico oppõe-se inteiramente a seu desenvolvimento.

Os alcalis obstem ao menos por algum tempo. Os saes attenuam os effeitos da fermentação, os oxydos obram de diferentes maneiras.

(*) Chama-se acido a combinação de hum corpo qualquer com o oxygenio em ponto tal que torne vermelha a cor azul das tinturas vegetaes, e que, combinando-se com os corpos que fazem passar as tinturas vegetaes assim alteradas á sua cor natural dão compostos, que de novo postos nas mesmas tinturas nenhuma alteração produzem. Estes compostos chamam-se *saes*. O corpo, com que os acidos se combinam tem nome de *oxydo*: os oxydos que desenvolvem maior tendencia a ligarem-se aos acidos, e conservam maior energia de acção denominam-se *alcalis*. Acidos ha em que o oxygenio he substituido pelo hydrogenio, então tomam a denominação de hydrocidos. Os acidos são ou mineraes, ou organicos. Estes encontram-se livres nos vegetaes assim o acido tartarico encontra-se no tamarindo e frequentemente na uva.

LITTERATURA.

MEMORIAS

historicas e philosophicas sobre o Brasil por Joaquim José da Silva Maia, antigo negociante matriculado da praça da Bahia. Obra posthuma. (*)

LIVRO I.



INESPERADA descoberta do Brasil, foi olhada, nos primeiros tempos, com indifferença, ou pelo menos, não lhe deu Portugal a importancia que devia; porque todo occu-

pado na Asia, donde tirava grandes riquezas, menoscabava o novo paiz, que apenas lhe apresentava algumas tribus de selvagens, nus, sem industria, e sem riquezas (**). Os primeiros povoadores do

annos por hum contemporaneo, e testemunha ocular de huma grande parte dos factos nella apontados, passamos a transcrevel-as na MINERVA BRASILIENSE, pagando deste modo da nossa parte hum sagrado tributo de gratidão devido a seu autor. Possam ellas merecer a approvação dos nossos leitores.

Dr. Maia.

(*) Persnadindo-nos de que serão de algum interesse para a nossa historia estas memorias que possuimos, escriptas ha vinte

(**) As minas de ouro, e diamantes e quasi todas as outras preciosidades deste bello paiz, foram descobertas e exploradas, muito tempo depois da sua descoberta.

novo continente foram miseravelmente degradados, e alguns missionarios, que lhe enviou Portugal; foram tambem alguns comprehendedores activos, os quaes havendo adquirido na India grandes riquezas tentaram fazer estabelecimentos no Brasil, para alcançar o titulo de donatarios, e senhores das immensas terras, que o governo, naquelle tempo, liberalmente lhes concedia com o onus de as explorar, cultivar e domesticar os indigenas. Com infinitos despendios, e particularmente com o auxilio dos missionarios jesuitas, conseguiram formar alguns estabelecimentos consideraveis. Sobreveio logo depois a dominação hespanhola, e por consequencia a guerra com a Hollanda. Na época da aclamação d'elrei D. João IV, já Portugal havia perdido a maior parte das suas possessões asiaticas, e o Brasil era o unico estabelecimento consideravel que lhe restava. Mas, como Portugal pela dilatada guerra que foi obrigado a sustentar com a Hollanda, e depois com a Hespanha, estava exaurido de população que enviasse ao Brasil, e os grandes proprietarios daquella paiz não tinham forças com que pudessem explorar e cultivar as terras, recorreram a violentar os indigenas a estes trabalhos, do que resultou que as tribus selvagens podendo-se facilmente civilisar pelo methodo, que seguiam os jesuitas no Paraguay, usando de brandura, e persuasão, pelo contrario, como os maltratavam, emigraram, dispersaram-se, entranhando-se pelas densas, e impenetraveis matas, e nesta vida errante foram diminuindo, mórmente depois da extincção dos jesuitas, restando hoje em dia mui poucas tribus, e estas pouco numerosas, dessemiinadas no interior de algumas provincias ao norte e ao sul do Brasil.

Como aquelles proprietarios encontravam muitas difficuldades em sujeitar os indigenas, pela resistencia que achavam nos jesuitas, que se haviam declarado seus defensores, e nas ordens dos monarchas portuguezes (*), e accrescia que alguns que conseguiam seduzir ou violentar, os achavam inaptos para os trabalhos da lavoura, recorreram aos escravos africanos. Em breve tempo vio-se o Brasil coberto de negros, e os colonos entregaram o cuidado dos seus negocios domesticos, e da lavoura, aos escravos, vegetando em ociosidade, que os devia

(*) Se alguns proprietarios ambiciosos tentaram por vezes reduzir os selvagens á escravidão, sempre encontravam nos jesuitas resistencia contra este inaudito direito. He innegavel que foi ao zelo, e fadigas daquelles padres, que Portugal deve a civilização dos indigenas no Brasil. Os antigos reis portuguezes a requerimento seu promulgaram algumas leis a seu favor; até que finalmente elrei D. José I pelo alvará de 1756 lhes concedeo iguaes foros, e direitos que aos mesmos portuguezes chamando-os indistinctamente para todos os empregos para que fossem aptos. Ainda hoje se podem ver entre as cartas impressas do padre Antonio Vieira algumas, em que este zeloso missionario advoga a causa dos Indios gritando contra as violencias que soffriam.

necessariamente fazer viciosos em hum paiz adusto onde as paixões são promptas, e impetuosas.

A isto deve-se ajuntar o máo systema por que eram governadas as vastas provincias do Brasil. O governo de Lisboa havia dividido este continente em quatorze capitánias, regidas por outros tantos capitães generaes absolutos, e independentes huns dos outros, sem entre si ter contacto e relação, e sómente sujeitos a Portugal. A capitania de Minas-Geraes, a mais populosa de todo o Brasil, em recompensa do ouro que se descobriu em seus montes, e dos diamantes no fundo de seus rios, foi por isso a que teve em partilha o governo mais extravagante, que já-mais se havia conhecido entre as nações cultas. Hum código dictado pela ambição, foi o que por muitos annos regeo aquella capitania. Dous proconsules, com mais autoridade do que tinham os dos antigos Romanos, e communmente tão ávidos como os Verres, desenvolviam successivamente huma ambição desmedida, autorisada pela lei. Elles decidiam, sem apellação, da vida, honra e fazenda de todos aquelles que tinham a desgraça de lhes ser sujeitos: tornavam a capitania, no districto diamantino, impenetravel não só a qualquer individuo, que ali se estabelecesse, como a todos que por ali tranzitassem: ninguem podia vender cousa alguma sem sua licença; o parente não podia communicar-se com o parente, o amigo com o amigo. Se as outras capitánias não tinham governos tao anomaes, a sua sorte empouco melhorava (**).

Só por meio da instrucção publica, generalisando-se os conhecimentos, he que se podiam estancar aquellas fontes de corrupção, adoçar os costumes

(**) A Bahia foi talvez a unica capitania, que teve a fortuna de ter bons governadores successivamente desde o anno de 1802 até 1821.

F. da C. Menezes fez a praça de S. Bento, onde actualmente existe o theatro; e promoveo a cultura da pimenta da India, que desde o tempo do seu governo até hoje chega para o consumo da capitania, e para exportar algumas centenas de arrobas. O conde da Ponte foi hum governador activo; estabeleceo huma boa policia, e principiou a edificar o novo theatro de S. João. O conde dos Azeos acabou aquelle theatro; edificou o passeio publico do forte de S. Pedro; promoveo huma subscrição com a qual edificou a praça do commercio; por meio de outra subscrição instituo a bibliotheca publica, e onde se achava a escolha dos melhores livros; requereo para a côrte, e alcançou, em 1811 que Louvesse na Bahia huma typographia e huma folha periodica; finalmente, com o maior zelo; promoveo a instrucção publica, concedendo generosamente com subscrições para facilitar os meios a todos aquelles estudantes pobres, que não podiam ir á universidade de Coimbra continuar e aperfeiçoar os seus estudos; concedeo humidade de isenções, não consentindo que de seus alumnos se fizessem recrutamentos para a tropa de linha, como praticavam alguns de seus antecessores. O conde de Palma, depois marquez de Palma (ultimo capitão general) alcançou por meio de huma subscrição 40000\$000 para fundo do novo collegio dos meninos orphaes; além de igual somma para reedificar o novissimo, encarregando esta obra ao zelo do negociante J. A. R. Vianna.

Porém, se a Bahia teve aquella fortuna de bons governadores, no espaço de vinte annos seguidos, outras tiveram monstros, que causaram a desgraça dos povos.

dos povos, e humanisar o caracter altivo dos governadores, e de seus sequazes. Mas o Brasil, desde as primeiras épocas do seu descobrimento, foi privado destes meios. Fosse plano adoptado pela metropole no tempo do systema colonial conservar os Brasileiros na ignorancia para os fazer sujeitos e dependentes, e elles não conhecerem o estado ignobil a que se achavam reduzidos, ou fosse porque Portugal, falto dessas luzes pelos obstaculos da inquisição, não podia communicar o que não possuia; o certo he que os habitantes do Brasil em geral viviam entregues a huma crassa ignorancia. Os jesuitas foram por muitos annos os unicos mestres que educavam a mocidade; mas essa educação era defeituosa pelo methodo que estes padres haviam adoptado. Hum estudante empregava muitos annos somente em aprender a lingua latina, e commummente era só quando se destinava ao estado ecclesiastico, ou a frequentar a universidade de Coimbra: instruíam-no depois em todas as praticas minuciosas da religião; davam-lhe alguns elementos de philosophia escolastica, e de rhetorica, e nada mais. Depois da extincção daquella ordem religiosa estabeleceu o governo, nas principaes cidades, mestres publicos de primeiras letras, latim, rhetorica, philosophia, e geometria: mas como os capitaes generaes não protegiam as aulas, nem os alumnos gozavam de immunnidade alguma, eram especie de viveiros de que elles lançavam mão para os recrutamentos das tropas. (*) Alem disto, havia huma escassez absoluta de livros scientificos, obstaculo insuperavel para o augmento das letras. De modo que a philosophia, a religião, e a politica, que em todos os tempos, e em todas as nações cultas tem produzido hum grande numero de seitas, nunca ousaram apparecer no Brasil, nem causaram nos povos a menor dissenção até ao anno de 1788; nem os Brasileiros conheceram a politica das nações europeas, senão pela alta ou baixa de seus productos da lavoura: hum só livro, ou periodico sobre este assumpto não se conhecia no Brasil.

Porém, naquella época, isto he, depois da emancipação dos Estados-Unidos, e começo da revolução franceza, os principios democraticos haviam tido tal voga, que apesar de todos os obstaculos penetraram no Brasil. Os escriptos de Thomaz Paine, o governo civil de Locke, o contrato social de Rousseau, a revolução d'America de Raynal, e outras obras desta natureza, principiaram-se então a ler no Brasil; e, supposto

(*) Não sei exactamente se haviam ordens positivas do governo de Lisboa, que mandassem aos capitães generaes fazer os recrutamentos para as tropas de linha nos estudantes proventos, e sem nota, para deste modo atrazar as luzes no Brasil: o certo he, que todos os governadores da Bahia, até ao tempo de D. F. J. de Portugal *inclusive* (até 1800), reputavam as aulas como viveiros para tais recrutamentos. Nas outras provincias do Brasil acontecia outro tanto.

que hum pequeno numero de pessoas fossem iniciadas na lição destes autores, contudo a imaginação ardente dos Brasileiros se inflammou, e fallou-se sem reboço dos direitos do homem e do estado oppressivo de colonia. Alguns mais entusiastas se encarregaram de traduzir aquelles escriptos para os vulgarisar pelos que não traduzião a lingua franceza. Mas, como os Brasileiros não estavam ainda preparados para receber a lição destes escriptores resultou, que huns se fizeram libertinos, quebrando todos os vinculos sociaes e religiosos, e outros se fizeram fanaticos republicanos sem ter idéas exactas desta forma de governo; mas todos odiando o governo portuguez; o que produziu huma revolução em Minas em 1788, por ser aquella capitania a que tinha peor governo, e os habitantes os mais espirituosos de todo o Brasil; e outra na Bahia em 1798 (*). Estas revoluções o governo conseguiu abafar, punindo os principaes de seus autores.

Parecia que as idéas democraticas, depois daquelles castigos, ficariam inteiramente extintas no Brasil, não só porque a revolução franceza, apresentava o exemplo, que as bellas theorias daquelles philosophos eram mui perigosas na pratica mas com a chegada ao Brasil d'elrei D. João VI, mudando-se inteiramente a politica da metropole ácerca deste paiz, e deixando elle de ser colonia, deviam cessar as queixas dos Brasileiros, e por consequencia o espirito de huma independencia democratica. Não aconteceu assim. A nova côrte do Rio de Janeiro procedeo de tal modo que o estado dos habitantes do Brasil pouco melhorou com tal mudança, ávista das vantagens que poderia obter se tivesse tido hum governo illuminado.

O novo ministerio do Brasil, por falta de co-

(*) A revolução da Bahia estava mais ramificada, do que a outra pelo grande numero de pessoas que sob pretextos apparentes se foram nesta occasião disfarçadamente evadindo para Portugal e etc. Dos réos pronunciados alguns foram em degredo para Africa, outros cumpriram a pena de prisão por algum tempo, sendo somente condemnados a pena ultima quatro a saber: Lucas Dantas, soldado do 1. regimento de linha, Manoel Faustino dos Santos Lira, official de carpinteiro, Luiz Gonzaga das Virgens, procurador de causas, João de Deus, mestre alfaiate. Hum dos réos, que julgamos ser Luiz Gonzaga disse junto ao patibulo, — que aquella acto cortava as ramas da revolução, mas deixava ficar intacta a ceça. — Este mesmo Gonzaga e João de Deus, que haviam recusado confessar-se no oratorio, quizeram, quando se achavam debaixo da forca e antes de se confessarem revelar cousas da revolução, publicando talvez os nomes de muitas pessoas comprometidas. Os confessores oppozeram-se a isto dizendo que aquella hora e lugar eram de perdão e não de accusação. Os padocentes calaram-se, fizeram a sua ultima confissão, e morreão com signaes do grande arrependimento fazendo aubos elles por sua vez de cima do cadafalso hum longo discurso ao povo recommendando obediencia ás leis, respeito ás autoridades, e cumprimento dos deveres religiosos. João de Deus acrescentou — em quanto eu assim obrei vivi feliz e quasi independente. Esta execução teve lugar na praça da Piedade, no dia 8 de Novembro de 1798.

nhcimentos do paiz, em que hia estabelecer-se, sem examinar maduramente o character de seus habitantes; sem reflectir na sua pouca população, e essa heterogenea, disseminada por vastas provincias só povoadas em beira-mar; sem attender que elle não tinha instrucção, e nenhum ramo de industria, porque o governo de Lisboa, no systema colonial havia prohibido rigorosamente o estabelecimento de qualquer fabrica no Brasil a ponto de mandar em 1790 queimar e destruir em Minas a que lá existia para manufacturar o algodão, limitando-se apenas a explorar as minas, e a agricultura, e essa quasi toda reduzida a generos de exportação para permutar pelos objectos da primeira necessidade que lhe fornecia a Europa, e pelos braços indispensaveis a essa mesma agricultura, que lhe subministrava a Africa; e o que he ainda mais, algumas provincias sem ter com que podessem alimentar seus habitantes, sem o auxilio de outras mui distantes. (*) Tudo isto devia ter em vista o novo ministerio, se, de boa fé, desejava a prosperidade do Brasil, e considerar que hum paiz nascente, aonde havia tudo a criar não era apto para receber velhos abusos da antiga administração do velho Portugal, e que só huma administração nova, analogá ás circumstancias em que se achava o novo paiz, era a que lhe podia convir para a sua prosperidade.

A carta regia do 28 de Janeiro de 1808 publicada na Bahia, dias depois da chegada d'elrei áquella cidade, augurava aos amigos do Brasil, que em breve tempo elle iria figurar com dignidade entre as nações cultas; facilmente se persuadiram que abertos os portos a todos os povos, a concorrência dos estrangeiros espalharia as luzes promovendo a civilisação entre seus habitantes; augmentaria o preço dos generos coloniaes; persuadiram-se que a navegação faria progressos, e em breve tempo suas densas matas se transformariam em navios, porque julgavam que haveria minoração de direitos na importação e exportação de todos os generos, e mercadorias embarcadas em navios nacionaes: persuadiram-se que muitos estrangeiros industriosos farião estabelecimentos no Brasil, augmentando a massa da população branca, tão necessaria neste paiz para ir diminuindo pouco a pouco, a população facticia dos escravos africanos: persuadi-

ram-se que a nova corte se sujeitaria de bom grado a algumas privações de luxo para não sobre-carregar o novo paiz com novos impostos, e deste modo empecer a sua nascente industria. Finalmente persuadiram-se, que se daria nova forma ao systema com que eram governadas as provincias. Em breve tempo se desvaneceram estas esperanças.

Apenas elrei D. João VI chegou ao Rio de Janeiro, e deliberou fazer alli a sua residencia, os ministros que o aconselhavam nenhuma consideração tiveram para as circumstancias em que se achava o Brasil. Com o fito de accommodar seus apaniguados, e de lisongear a corte, criaram hum sem numero de lugares e empregos com dispendiosos ordenados que todos pesavam sobre o povo.

Prodigalisaram as graças com tal profusão como não havia exemplo em nenhuma nação culta, pois que sómente os novos titulares criados no Brasil, no limitado tempo de doze annos, excederam em numero ás casas titulares que entao havia em Portugal. Apareceo, como por encanto, hum numeroso estado maior de officiaes superiores para hum exercito de 100,000 soldados, quando tem todo o Brasil não havia 20,000 de primeira linha. Apareceo igualmente huma grande promoção na marinha real, para huma armada de 100 navios de linha, quando a esquadra que acompanhou elrei, a deixavam apodrecer, fundeada no Rio de Janeiro.

A nova corte com hum luxo verdadeiramente asiatico, e prodigalizando indistinctamente os habitos, as commendas e os postos militares, deo toda a expansão ao amor proprio dos habitantes, propensos sempre ao luxo e ás distincções.

Talvez fosse politica dos ministros angariar por este meio a benevolencia do paiz, para elle sofrer com paciencia os vexames dos novos hospedes; sem se lembrarem que economizando com prudencia aquellas graças, com ellas pagavam relevantes serviços, poupando as rendas nacionaes, e liberalizando-as a quem não as merecia, perdiam o merecimento, e o seu valor real. Porém no Brasil ainda causaram males de maior transcendencia: privilegiando, pelas leis, a muitos cidadãos, necessariamente hiam pesar sobre as classes industriosas, e tirar braços á lavoura, e ao commercio.

Sem fazer o ministerio hum novo codigo para o Brasil, com tudo, publicou no Rio de Janeiro huma multiplicidade de leis, alvarás, e decretos, humas novas, e outras ampliando, e revogando as antigas; o que caracteriza a má legislação de qualquer paiz, e prognostica a sua proxima ruina. E no meio desta multiplicidade de leis não appareceo huma só que promovesse a emigração dos estrangeiros para o Brasil, concedendo-lhe liberdade do culto, e convidando-os pelo atractivo de hum governo protector, que lhes affiançasse o pacifico fructo da sua industria.

(*) A Bahia por exemplo, não tinha com que pudessem alimentar seus habitantes por mais de tres mezes, sem o auxilio da Europa; e de outras provincias do Brasil; o que se patentea pelo mappa de sua importação em 1820. O Rio Grande lhe fornecia annualmente 600:000 arrobas de carne secca; o Piahy lhe enviava todos os annos os 16:000 bois; Caravellas Sergipe e Alagoas huma grande porção de farinha, milho, feijão etc. Portugal, e os estrangeiros, lhe fornecia annualmente 40:000 quintaes de bacalhão; 40:000 barricas de farinha de trigo; fructos, varias salgas do poixe carne, manteiga, queijos, sal, azoito, vinagre, e 3:000 pipas de vinho.

Daqui procedeo, que invadida huma parte da Europa pelos exercitos de Bonaparte, e ainda depois da entrada dos alliados em França, emigrou hum grande numero de individuos perseguidos em seus paizes por opinioes politicas, ou religiosas; podiam facilmente vir para o Brasil conduzindo industria, luzes, e capitaes, mas preferiram emigrar antes para os Estados Unidos d'America, expôr-se às febres amarellas, do que vir para hum paiz fertil e saudavel (*).

Se, com tudo, no meio desta multiplicidade de leis, appareceram algumas, que inculcavam no ministerio vistas de utilidade publica, como conceder o estabelecimento de casas de seguros maritimos na Bahia, e Rio de Janeiro, a criação do banco do Brasil, e promover alguns ramos de instrucção; eram remedios palliativos, que não podiam curar males inveterados; outras porém inculcavam a maior ignorancia da sciencia de economia politica. Tal foi a lei, publicada em 1818 que prohibia a sabida do dinheiro do Rio de Janeiro, tanto para os paizes estrangeiros, como ainda para as outras provincias do Brasil: a lei para o augmento do valor á moeda de prata; abrindo-se novo cunho de moedas de 960; e o augmento quadruplicado das moedas de cobre. Finalmente até algumas foram exoticas como a declaração da guerra em 1811, por hum manifesto, contra os selvagens botocudos (**).

A importante lei que elevou o Brasil à cathogoria de reino, publicada com tanto aparato, não produziu os resultados que eram de esperar, pois em nada mudou a face das cousas; as capitánias em que estava dividido o Brasil trocaram este nome pelo de provincias, conservando-se nestas o antigo regimen militar dos capitães generaes com todos os seus defeitos e despotismos.

Desta fórma aquellas mesmas leis, que pareciam justificar o ministerio em suas boas intenções, ainda mais promoveram a desgraça publica e particular, pelo escandaloso abuso que alguns fizeram, como

(*) Lembra-me que no anno de 1812 chegou á Bahia o capitão Policarpo de Medenilha Galvão conduzindo em huma escuna 310 emigrados da ilha de Lanerote, huma das Canárias, offerreco-os ao conde dos Arcos, pedindo-lhe terras, porque todos eram lavradores; conheceo aquelle general quanto eram vantajosos a provincia aquelles braços, mas respondeu, que não estava na sua jurisdicção annuir a tal proposta, aconselhando-o, que se dirigisse directamente ao Rio de Janeiro; assim o fez aquelle capitão; mandou o ministerio os emigrados para a ilha de Santa Catharina, porém como lhe não prestou nenhum auxilio, nem se lhes deram terras em propriedade, huns morreram de miseria, outros emigraram para o Rio da Prata, e actualmente não existe hum só!!!

(**) Sinto não ter á mão esta peça importante para transcrever por extenso. Com effeito, parece irrisorio declarar guerra, por hum manifesto, a selvagens anthropophagos, que não sabem ler, e que até talvez ignorassem que existiam homens de outro hemispherio no seu paiz. A verdadeira declaração de guerra, era empregar os meios de os domesticar como faziam os padres jesuitas.

aconteceo com a lei dos tributos sobre as embarcações e lojas, onde nenhuma proporção havia, pagando tanto as grandes como as pequenas; com a lei testamentaria contra aquelles que falleciam sem ter herdeiros forçados, obrigando estes a pagar dez por cento de herança para o fisco; com a lei do imposto a favor de banco, chamada vulgarmente das *porcadas*.

O estabelecimento do banco augurava os mais favoraveis resultados, pelo interesse que promettia em particular aos accionistas, e em geral ao Brasil, augmentando a massa dos capitaes em circulação, facilitando as transacções commerciaes, e destruindo a usura de alguns capitalistas; porém só servio para acelerar as banca-rôtas, e arruinar antigas casas de commercio, pela facilidade com que muitos, por empenhos, e outros como directores, extorquiram grandes sommas, para solver antigas dividas e sustentar hum luxo que as suas circumstancias já lhes não permittiam: emprehendendo arriscadas, e ruinosas negociações com o que acabaram de ficar insolventes de muitos mil cruzados! O erario nacional dirigido por Targini, por outra parte, para fazer frente às urgencias do estado, cada vez em augmento, e às enormes despezas da côrte, tirou grandes sommas a titulo de emprestimo. Em breve tempo esgotou-se o banco, e as suas notas perderam o credito (*).

Os males do Rio de Janeiro rapidamente se espalharam em todas as provincias. Viram-se escandalosamente todos os capitães generaes rodeados de huma multidão de ajudantes de ordens, denominados, huns da pessoa, outros do governo, e todos com grandes vencimentos de soldo. Só o conde de Palma na Bahia tinha dezoito ajudantes de ordens, entre estes dous brigadeiros. Os mais capitães generaes das outras provincias acontecia-lhes o mesmo.

Não houve comarca e districto, que não contasse grande numero de capitães mores, coroneis, e brigadeiros de milicias, outros tantos bachás que opprimiam o povo. Estabeleceram o infernal systema de arregimentar os povos do Brasil; e principiou este nascente paiz por perder annualmente hum grande capital em mão d'obra, pela violencia que faziam às classes industriosas, obrigando-as a abandonar suas laboriosas occupações, pelos exercicios militares, e a que dependessem mais do que permittiam as suas facultades para fardar-se, e grati-

(*) Tenho á vista o balanço que appareceo impresso no Rio de Janeiro em março de 1821: elle representa o esqueleto d'aquelle estabelecimento. Havia então o banco emitido em notas a grande somma de 6:772:450\$000; devia ao deposito publico, e a diversos particulares a quantia de 1:761:203\$480, total — 8:533:712\$930; para pagar este debito apresentava 4:799:415710 réis, que lhe devia o erario; e qual tinha outro igual empenho aos particulares; apenas em dinheiro, e peças de ouro e prata tinha o banco em caixa 1:346:649\$890, e o resto em bilhetes d'alfandega, e letras, a maior parte protestadas.

ficar os coroneis, maiores e ajudantes, para que os não prendessem e vexassem. Este systema militar seria só bastante para destruir huma nação industrial e manufactureira, quanto mais hum paiz novo, despovoado, e puramente agricultor: occupando o districto de hum regimento de milicias a superficie de muitas leguas quadradas; sendo necessario ao miliciano fazer huma viagem de hum, e dous dias, para se reunir em hum ponto, onde houvesse revista, ou exercicio, abandonando os seus trabalhos da lavoura (*).

Para o ministerio fornecer ás enormes despesas da cõrte, e pagar a essa multidão de empregados, tribunaes, e officiaes militares, etc., sobrecarregou o povo de innumeraveis impostos, debaixo de mil denominações: e como hum mesmo genero tinha sobre si varios impostos, quadruplicavam-se os empregados e fiscaes para os receber; quando se houvesse melhor systema de administração de finanças, todos aquelles impostos podiam reduzir-se e pagar-se em huma só repartição, com o que poupava-se ordenados, e diminuia-se incommodos ás partes.

As provincias se esgotavam do seu numerario em circulação para enviar á voragem do thesouro do Rio de Janeiro, onde apenas se demorava alguns momentos, para passar logo ás mãos dos estrangeiros, principalmente Inglezes.

As rendas do Brasil triplicaram em todas as provincias dentro de doze annos, sem com tudo triplicar na mesma proporção a agricultura, e a industria, para deste geito pôr os contribuintes em circumstancias de poder pagar taes impostos. O ouro e a prata desapareceram do Brasil; e achou-se reduzido a ter só notas do desfalcado banco, e moeda de cobre falsificada, e todas as provincias se acharam empennadas com hum grande deficit.

A todos estes males accresceo hum ainda maior; o tratado de commercio em 1819 com a Inglaterra. Não entrarei no exame das causas que moveram o ministerio do Brasil a celebrar aquelle ruinoso tratado: devia lembrar-se que hum paiz nascente aonde havia tudo a criar, não devia fazer tratados de commercio com huma nação poderosa, manufactureira, e commercial, rica de capitaes, e com intre-

posto em todos os pontos commerciaes do globo, que devia necessariamente empessar a sua nascente navegação, e obstar aos primeiros ensaios que tentasse fazer o Brasil, quando quizesse manufacturar as materias primas de que abunda o seu solo, porque não poderia nunca concorrer na perfeição, e barateza com suas manufacturas. Devia lembrar-se, que não podia haver reciprocidade senão entre nações em identicas circumstancias; isto he, da mesma força, luzes, e industria, porque a mais forte e industriosa tirará sempre vantagens de suas favoraveis circumstancias em prejuizo da outra; quanto mais concedendo-se aos Inglezes, por aquelle tratado vantagens sobre os mesmos Portuguezes!!!

Em pouco tempo fizeram os Inglezes o commercio privativo do Brasil, reduzindo-o a hum estado verdadeiramente colonial. Com a minoridade de nove por cento de direitos sobre as outras nações, as afugentaram de todos os portos do Brasil, que não podiam concorrer com os Inglezes por aquella decidida vantagem. Os mesmos Portuguezes, até ao anno de 1818, pagavam mais que os Inglezes, hum por cento, e estavam sujeitos ás avaliações da pauta, quando estes, apenas se lhe deduzem os 15 por cento de direitos pelas suas proprias facturas juramentadas além dos privilegios que gozavam os negociantes inglezes, e que não gozavam os portuguezes (*).

O governo do Brasil, que deveria esforçar-se em promover a navegação nacional, diminuindo as alevaças nos despachos dos navios, e concedendo favor, e minoração de direitos, em todas as mercadorias navegadas em seus navios, como praticam todas as nações cultas, que fazem prosperar o seu commercio, e navegação, pelo contrario, sobrecarregou os navios portuguezes com novos impostos, e difficultou-lhe ainda mais os despachos por entrada, e sahida. Huma sumaca, ou bergantim, que até ao anno de 1808 importava o seu despacho para as costas do Brasil, ou Africa, de 20,000, a 40,000 que era o maximo, importava entao de 50,000 a 100,000. Os navios para a Europa aconteciavelhe o mesmo; que de 100,000, pouco mais, ou menos, montava entao a 200,000, além da obrigação de levar capellão, cirurgião, exames de botica, etc., etc.

Não foi preciso mais para que hum só navio portu-

[*] Por hum calculo por nós feito, sabemos o que annualmente a Bahia perdia com o systema militar. «Vinte mil milicianos, que ha (1820) nesta provincia, devem reunir-se, pelo menos, duas vezes em cada mez, fazem 24 dias por anno: mas como os milicianos moram em grande distancia uns dos outros, damos-lhe tres dias para hir, estar, e voltar; temos 72 dias perdidos no anno, que a 400 rs. por dia, fazem 28800, que perde annualmente cada miliciano em mão de obra; multiplicados pelos vinte mil, monta em 576:000\$000!! A fora os soldos dos majores, coroneis e ajudantes, que paga o estado.

«Ora, nesta conta não entram os dias de serviço que perdem os escravos, que acompanham a seus senhores; as despesas do fardamento; as doenças que adquirem nestas viagens; as desordens que acontecem na lavoura na sua ausencia; a prisão de muitos dias pela menor falta regimental.»

(*) Os inglezes tinham em todas as praças commerciaes do Brasil juizes privativos, que julgavam as suas causas civis com ministros adjuntos em relação, o que lhes fazia abreviar os seus processos. As suas causas eram segredas, ainda para denuncias da alfandega por fazendas de contrabando, que não podiam ser devassadas sem presença do consul, e do juiz privativo, para o que antes lhe efficiava o provedor d'alfandega, o que lhes dava tempo para elles acatular aquellas fazendas; privilegio que não gozavam os Portuguezes. Os seus caixeiros (ainda Portuguezes) estavam isentos das milicias, das rondas de policia, etc.: até tinha aposentadoria activa, e passiva!!!

guez podesse navegar do Brasil para os paizes estrangeiros, porque não podiam concorrer com estes na pequenez do frete. Os navios de alto bordo apodreceram nos portos, porque as despesas do custo absorviam os fretes (*). Os estaleiros da Bahia, dantes occupados com as construcções nacionaes, viram-se desertos, e a morrer de fome os seus operarios por falta de trabalho; maiormente depois que se facilitou nos portos do Brasil embandeirar navios estrangeiros com pavilhão portuguez para empreender especulações só permittidas aos nacionaes; o que se fazia com o maior descaramento por simuladas vendas, e arrematações.

Deste modo viram-se os navios portuguezes reduzidos a navegar sómente para a Africa, Lisboa, e Porto, e a navegação de simples cabotagem, que pelo tratado era vedado aos estrangeiros, e Inglezes; mas estes conseguiram huma lei ampliando-lhe esta faculdade sómente para os productos, e manufacturas inglezas, que podiam conduzir em seus navios de huns para outros portos do Brasil, com grave prejuizo dessa mesquinha navegação de cabotagem. Finalmente, pela convenção de Viena de 1815 conseguiram extinguir o commercio da escravatura em Africa, ao norte da econocia, com faculdade de aprezar os navios Portuguezes, que encontrassem a fazer aquelle illicito trafico; com o que acabaram de dar o ultimo golpe a esse resto de navegação portugueza (**).

Todos estes actos do ministerio do Rio de Janeiro praticados no limitado tempo de treze annos, vieram com justa razão muito concorrer para a mudança, que pouco depois effectuou-se no Brasil no seu systema politico e administrativo.

Assim, pelo que deixamos dito, poucos foram os beneficios que o Brasil recebeu da residencia do monarcha, em comparação das grandes vantagens que podia colher, si o governo soubesse melhor dirigir as cousas, conhecer as necessidades do paiz, e desenvolver com actividade sua lavoura, sua industria, e seu commercio. Elle tinha em sua mão immensas riquezas e recursos; ninguém pôde calcular a que grão de esplendor e de grandeza o paiz chegaria em seu progresso durante este breve espaço de tempo. Mas si o Brasil pouco lhe deve por este lado, he innegavel que além do inapreciavel bem de plantar em

seu seio a monarchia, muito ganhou no augmento de suas luzes, pela introdução de innumeraveis livros, principalmente francezes, e pela communicação e trato com os estrangeiros, que muito contribuiu para civilisar seus habitantes, e inspirar-lhes o gosto pelas artes e sciencias.

Entretanto esta propagação de luzes não deixou de produzir alguns movimentos no paiz pelo conhecimento claro, que deo aos povos da imperfeição do seu governo, cujos actos começaram a consurar, de huma sorte melhor que podiam obter delaxo de huma administração illuminada, e ultimamente por que sendo a existencia da corte no Brasil hum verdadeiro estado de tranzição, que nenhuma permanencia augurava, viam-se os Brasileiros a cada passo ameaçados com o regresso da corte para Lisboa, e a resurrecção do systema colonial. He certo que a idade avançada do rei, seu genio tímido, que o fazia receiar os perigos de huma longa navegação, quasi que asseguravam aos Brasileiros a residencia da casa reinante no Brasil. Porém algumas pessoas ou mais desconfiadas, ou mais perspicazes, descobriam no futuro o prompto regresso do seu successor para o berço da monarchia, apenas assumisse as reas deas do governo.

Neste estado de cousas huns, contentando-se com o presente, e na esperança de hum melhor futuro, occasionado por alguma resolução feliz e imprevista, aguardavam silenciosos esta providencial disposição, ao mesmo tempo que outros, procurando talvez remediar anticipadamente males de que se julgavam ameaçados, concebiam e desejavam novas formas de governo que fossem no Brasil perpetuas e nacionaes. As ideias democraticas que, como tenho dito, produziram na provincia de Minas huma revolução em 1789, e na Bahia em 1798, começaram então a divulgar-se rapidamente, e cada dia se augmentava o numero dos proselitos. Não se ouvia dizer, ao menos em certos circulos, senão que ao Brasil só conviria hum governo republicano federativo, como o dos Estados-Unidos da America, pois que não podia existir por mais tempo no estado vacillante e ameaçador em que se achava.

Daqui procedeo a revolução de Pernambuco em 1817, a qual se achava ramificada em outras provincias, particularmente na Bahia; mas existindo só em projecto, não tinha ainda consistencia. Alguns sujeitos exaltados, dando jantares publicos, e fallando sem cautella, fiados na bonomia do general Monte Negro, fizeram conhecer a este general os projectos dos revoltosos; e elle indirectamente mandando prender na frente de seus corpos os militares nella implicados, a fez abortar; por isso foi facil ao ministerio do Rio de Janeiro destruil-a com algumas forças da Bahia, pela insufficiencia dos chefes daquella revolução, pela actividade do conde dos Arcos, e pela divergencia de huma parte dos seus habitantes, que não partilhava aquellas ideias.

(*) Hum navio portuguez era necessario carregar para a Europa pelo frete de 400 arrobas, para salvar as despesas do sustento; e como os estrangeiros, e Inglezes carregavam pelo frete de 180 a 200; não havia frete para os Portuguezes, eram por isso obrigados os navios a carregal-os quasi todos por sua conta, o que obrigava a grandes desembolços; daqui procedeo a podrecer tantos navios d'alto bordo nos differentes portos do Brasil.

(**) Os corsarios dos Artigas apressaram hum grande numero de navios pelo motivo da invasão, que fizeram na tropa portugueza, e as do Brasil, na margem oriental do Rio da Prata, apoderando-se de Montevideo, o seu territorio. Os Inglezes acabaram de aprezar o resto nas costas d' Africa!..

Si este acontecimento foi funesto para muitas pessoas e em geral para a provincia de Pernambuco que soffreu gravissimos prejuizos (os quaes segundo ouvimos varias vezes affirmar nao se podiam remediar em 50 annos de paz), he innegavel que esta revolução resfriou o enthusiasmo de muitos exaltados, fez abrir os olhos a alguns a cerca da impossibilidade dos meios de levarem ao fim hum plano tal; e deu a conhecer claramente a todos, que hum paiz como o Brasil, vasto, rico e inexaurivel em seus productos, nao poderia realizar senão a custa dos mais penosos e violentos sacrificios que se podem imaginar o projecto chimerico da formação de huma republica, systema este além de tudo mais incompativel com o caracter dos seus habitantes, nascidos debaixo do governo monarchico com educação, hábitos, e tendencias todas monarchicas.

Hum dos effeitos que produziu esta revolução foi a desunião, que começou a manifestar-se naquella provincia e em outras do norte entre os patriotas exaltados, e os nascidos em Portugal, de algumas indiscrições de parte a parte passaram as provocações e destas algumas vezes a vias de facto entre individuos, ficando quasi sempre depois de taes excessos commetidos profundos ressentimentos.

Em outras provincias appareciam outros acontecimentos que denotaram a agitação dos espiritos, tudo annunciava, que estava proxima huma nova epoca.

A côrte do Rio de Janeiro existia, pois, sobre hum vulcão, que podia a cada momento arrebentar. Via-se pela parte do sul rodeada de governos democraticos, com quem vivia em guerra. Com tudo ignorava, ou fingia ignorar, a terrivel crise em que se achava. Continuavam as delapidações nas rendas publicas, e no banco do Brasil. Existiam todas as causas que haviam promovido a revolução de Pernambuco em 1817, e que haviam exacerbado o espirito dos povos, fazendo-lhes perder a confiança que deviam ter no governo; e a côrte com huma impassibilidade incompreensivel encarava tudo isto com indifferença!

Debalde alguns generaes officavam, pintando com verdadeiras côres o estado de agitação em que se achavam suas respectivas provincias, e os receios que tinham de huma proxima revolução; eram reputados tibios, e menos-cabados seus officios. Debalde se dirigiram algumas memorias ao ministro Villa Nova participando-lhe a existencia de huma vasta conjuração, apontando-se-lhe os factos, para elle mudando de conducta tomar as medidas convenientes; e elle a isto nunca deo importancia.

Apenas o ministro do Rio de Janeiro se contentou, dizem, a instancias do Conde dos Arcos, em mandar vir de Portugal, em 1818, cinco batalhões de tropas de linha, que destacou hum na Bahia, outro em Pernambuco, e tres no Rio de Janeiro; e em mandar tambem vir hum regimento suizo pa-

ra guarda real, que não conseguiu ultimar o seu recrutamento no Cantão de Berne, o encarregado dos negocios, o cavalleiro Alvellos. Apenas se contentou em publicar naquelle anno hum decreto, no qual prohibia com graves penas todas as sociedades secretas, debaixo de qualquer denominação; decreto inefficaz, que nada podia e nada remediou.

Tal era o estado em que se achava o Brasil, e o espirito de seus habitantes, quando souberam dos acontecimentos do dia 24 de Agosto de 1820 na cidade do Porto, e de 13 de Setembro na cidade de Lisboa. Vamos ver como foi recebida no Brasil a noticia deste extraordinario acontecimento, e o effeito, que causou no espirito dos povos.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.



OS LUSIADAS.



E na lingua flexivel e harmoniosa de Cicero e de Virgilio que se transportaram a principio os primores da immortal litteratura grega, os textos das santas escripturas, algumas obras arabes, e em épocas mais proximas da nossa as obras que produziram, em suas linguas nascentes e ainda informes, as nações da Europa; e ou porque a lingua latina mais se prestasse a todas as fórmas dos idiomas antigos e modernos, ou porque o gosto dos primeiros litteratos do renascimento das letras não fosse ainda muito apurado, nunca se ouviu, como em nossos dias, levantarem-se queixumes contra a impotencia da lingua para a qual se traslada, nem tão pouco contra a impossibilidade de verter e conservar a louçania das bellezas de hum original. Cumpro entretanto dizer que as linguas modernas tomaram, no modificarem-se, hum caracter que lhes he proprio, o qual as afasta de mais e mais humas das outras, como tambem das antigas. Por isso he que se conta tao diminuto numero de boas traducções em verso dos grandes poetas. A Allemanha he que possui as melhores traducções de Homero e de Virgilio por Voss. Pope (*), na Inglaterra, e Cesarotti na Italia, tambem fizeram traducções superiores do poeta grego; sómente a França apenas tem huma soffivel por Bignan, acima da do Rochefort: quanto ás versões do poeta latino, citam-se como as melhores a italiana de Annibal Caro, a ingleza de Dryden, e a sueca de Adlerbeth. Sem duvida ainda algumas existem que, sem serem de primeira ordem, tem comtudo muito merito;

(*). Apesar de se considerar a traducção da *Iliada* de Pope como de grande merecimento, foi com razão que Buntley disse ao poeta: "Não digais, senhor, que me mandastes Homero, antes dizoi que me endereçastes hum bello poema." A traducção da *Odysséa*, pelo mesmo, he muito inferior.

porém examinadas por fragmentos, que não no seu todo.

Quanto à questão tão agitada, de serem ou não as traducções em prosa preferíveis ás traducções em verso, e ultimamente sustentada por M. Nisard em prol das primeiras, he facil, segundo a nossa opiniao, o decidir. O que allega M. Nisard para basear a pretendida superioridade das versoes prosaicas? Que difficil he o conservar-se continuamente par a par do original, que a prosa tem a vantagem de manter intacto o fundo do poema, de verter sem constrangimento e em toda a sua inteireza o pensamento, e desembaraçar o estylo daquelles torceios, ou forçados, ou em que se descobre o trabalho aturado para conseguir dar huma ideia approximativa do texto. Certo he que vislumbra em todo esse dizer alguma cousa de verdadeiro; todavia diremos, em prol das traducções em verso, que a prosa faz desaparecer parte das bellezas do poema, que não existe simplesmente pela fabula, a disposiçao e o pensamento, porém tambem pela fórma e a expressao, e que perde muito do caracter perdendo o rhythmo e a melodia. Não he unicamente a harmonia que dá vida a huma obra poetica? Não existe por ventura nas litteraturas do meio dia, especialmente na italiana, poeias que apenas encerram huma ideia, e que transpiram hum não-sei-que de harmonioso, huma melopéa tao doce e tao cheia de suavidade que encanta o ouvido? He huma traducção em prosa para com o texto o que he hum esboço de huma copia para com huma pintura original.

Nossa opiniao he que muito fraca será a traducção em verso que se não preferir á em prosa, seja ella embora de Chateaubriand, visto que nunca poderá dar ideia completa de hum poeta.

E se hum poema mais do que outro qualquer exigir ser lido em verso, he sem contestação alguma o de Camões. A *Iliada*, a primeira parte da *Divina Comedia*, a *Jerusalém Libertada*, que, como poemas epicos, tem muita acção, grande variedade nos eventos e nos caracteres, são obras que se podem ler com summo prazer, desprovidas até mesmo dos atavios da poesia, porque lá se conserva o interesse do romance. Não succede porém o mesmo com os *Lusiadas*, que, por assim dizer exclusivamente cheios de patriotismo, tornam-se mui interessantes para os Portuguezes, e algum tanto frios para os estrangeiros, para os quaes he huma especie de hymno nacional. O poema de Camões he sem contradicção alguma cheio de bellezas primas; mas comparado na sua totalidade com outras grandes produções epicas, duvidamos que sustentar possa o paralelo. Se o autor tivesse tratado o seu grandioso assumpto aproveitando tudo quanto lhe offerecia sua vida de viajante, de guerreiro e de poeta cheio de aventuras e desgraças, que aproveitasse a rica natureza e os costumes brilhantes

que lhe fornecia o oriente á ardente imaginação, que até ás vezes sacrificasse hum pouco esse amor nacional que tanto o inspirava, por certo que teria produzido obra mais perfeita, quicá de maior merito para os estrangeiros, que não de maior interesse para os seus compatriotas.

Camões, como todos os homens de genio que appareceram na época do renascimento das letras, entusiasmou-se demasiadamente pelas immortaes composições dos poetas do paganismo, e deixou-se infelizmente levar pelas pegadas de Virgilio; além disso se nota na sua obra huma mistura de christianismo e de paganismo que desagrada. Fazamos-lhe porém justiça, e confessamos que esses erros não lhe pertencem exclusivamente, pois que elles o mais das vezes se originaram da influencia da época; e quando, deixando caminho andado pelas pegadas do cantor de Mantua, quando a sós com sua alma torna a ser elle mesmo, então he que elle he simples e grande, então he que elle mostra a sensibilidade do seu coração, o fel que delle ás vezes trashorda, e toda a profundidade e extensão do seu genio.

Não obstante as qualidades do autor, a vastidão e a sublimidade do assumpto, o poema de Camões, excluindo o patriotismo e a poesia que por toda a parte apparece, he, como acabamos de dizel-o, frio e esteril; e he huma das razoes pelas quaes cremos não poder ser lido em lingua estranha, a não ser em verso. Já muitos fragmentos dos *Lusiadas* foram traduzidos em francez por diferentes poetas, porém julgamos que M. Ragon he o primeiro a apresentar huma traducção completa. Se ás vezes abandona para o fim, isto he para notas, alguns passos que lhe pareceram, ou de pouca necessidade, ou despidos de poesia, ou que enfim esfriassem a acção, prevemos de antemão que os admiradores ignorantes e os entusiastas immoderados do poeta levantarao vozes de clamor contra o sacrilegio, dirão que essa traducção não passa de huma mutilação, que nesse poema nada havia a perder, tudo a aproveitar: para esses a nossa mudez, que nada lhes responderemos; porém aquellas pessoas que pensam e que duvidam da necessidade dessas omissões, dir-lhes-hemos que eram indispensaveis para tornar mais facil a leitura do poeta, para tornar mais simples e mais desembaraçada a versão, de que daremos aqui algumas passagens para que a possam julgar.

Do episodio de Inez de Castro, canto terceiro, estrophe 108-121:

- « Toi qui sauves les noms de l'oubli du cercueil,
 « Mémoire, dis le sort de cette infortunée
 « Qui ne fut qu'en sa tombe et reins couronnée.
 « Amour, tyran des cœurs qui vivent sous ta loi,
 « Ce cœur trop tendre, hélas! était rempli de toi;

« Devais-tu le punir comme un sujet rebelle,
 « Lui qui l'obéissait en esclave fidèle?
 « Amour, il est donc vrai, nos soupirs et nos pleurs
 « Ne sauraient assouvir tes barbares rigueurs;
 « Inexorable dieu, tu veux d'autres offrandes,
 « Et c'est du sang humain, cruel, que tu demandes.

« Au printemps de ton âge, aimable Inez, tes jours
 « Coulaient, beaux et riants, dans leur tranquille cours;
 « Toute aux doux sentiments d'amour et de tendresse,
 « Rêves charmans et courts de l'aveugle jeunesse,
 « Aux bords du Mondégo, dont les flots gracieux
 « Réflétaient ton sourire et l'azur de tes yeux,
 « Tu faisais répéter aux vallons, aux prairies,
 « D'un nom toujours présent les syllabes chéries.

« Le noble et digne objet de tes rêves heureux
 « Répandait par l'amour à ton cœur amoureux,
 « Sans cesse avec transport à ton ame enivrée
 « Don Pedro retraçait ta mémoire adorée,
 « La nuit dans un doux songe où brillaient tes appas,
 « Le jour, dans ses pensers qui volaient sur tes pas,
 « Partout au souvenir de cet amant fidèle
 « Rayonnait ton image et la joit avec elle. »

Do mesmo canto, estrophe 134 :

« Telle qu'à peine éclose, une fleur bocagère,
 « Par les folâtres mains d'une jeune bergère,
 « Pour criner ses cheveux cueillie avant le temps,
 « Perd avec son parfum ses reflets éblouans,
 « Et périt de sa tige a regret séparée;
 « Telle apparaît Inez, froide et décolorée;
 « Sous la main de la mort son doux regard s'éteint. »

Do sonho prophético do rei Manoel, canto quarto, estrophe 67-69. :

« Une nuit... C'était l'heure où, repliant ses voiles,
 « L'ombre va dans sa fuite entraîner les étoiles;
 « Ou les astres, penchant vers leur pale déclin,
 « Invitent les mortels au repos du matin;
 « Le monarque, étendu sur sa couche dorée,
 « Repassait dans son ame aux grands pensers livrée
 « Ce qu'imposent aux rois la noblesse du sang,
 « L'éclat de la couronne et du suprême rang.
 « Un doux sommeil ferma ses paupières lassées
 « Sans suspendre le cours de ses hautes pensées;
 « Et du mille tableaux de gloire et de grandeur
 « Un songe prophétique illumine son cœur;
 « Il lui semblait planer dans les sublimes sphères,
 « D'où ses yeux contemplaient des terres étrangères,
 « Des peuples inconnus, des empires nouveaux.

Do canto quinto, estrophe 3.ª :

« Remparts où nous laissons un peuple dans les larmes,
 « Séjour de nos aïeux pour nous si pleins de charmes,
 « Rivages paternels à nos regards si doux,
 « Monts de notre pays, nous fuyons loin de vous.
 « De Cintra par degré les collines s'abaissent,
 « Les flots riants du Tage à nos yeux disparaissent.
 « Neptune nous enlève à ces infortunés,
 « Mais nos pensers toujours y restent enchaînés.
 « A l'horizon lointain la rive enfin s'efface,
 « E nous ne voyons plus que les flots et l'espace. »

Do episodio do gigante Adamastor, canto quinto, estrophe 37-40 :

« Phœbus déjà cinq fois s'était plongé dans l'onde,
 « Depuis que nos vaisseaux, qu'un vent heureux seconde,
 « Avsient repris leur cours sur l'humide élément.

« Les astres radieux brillaient au firmament;
 « Les matelots veillaient sur la prose écumante;
 « Soudain [mon ame encore en félicité d'épouvante],
 « D'un vapeur sinistre obscurcissant les aïrs,
 « Un noir nuage au-loin se répand sur les mers,
 « D'un effroyable bruit les ondes retentissent;
 « Tel le fracas des flots qui sur nos rocs mugissent
 « — O suprême pouvoir, vas-tu tonner sur nous ?
 « Sommes-nous menacés de ton dieu courroux ?
 « Quel phénomène affreux, quel prodige s'aggrave ?
 « Si j'en crois ce fracas, c'est plus que la tempête —
 « Je disais : tout-à-coup sur le gouffre béant
 « A nos yeux apparaît un robuste géant;
 « Il domine les flots de sa stature énorme;
 « Son air est menaçant, son front pale et difforme;
 « Ses yeux étincelaient dans leur orbite creux;
 « La terre et le gravier souillaient ses noirs cheveux;
 « Sur son sein ruisselait sa barbe limoneuse
 « Et ses dents jaunissaient dans sa bouche hideuse;
 « Il égale, à le voir se dressant dans les aïrs,
 « Ce colosse dont Rhodé donna l'univers.
 « Il nous parle, et du fond de la mer agitée
 « Semble sortir l'accent de sa voix irritée,
 « Elle jet e l'effroi dans nos cœurs frémissons
 « Et crêpe nos cheveux sur nos fronts palissans. »

Do mesmo canto, estrophe 55-56 :

« Une nuit, je la vois, cette nymphe divine,
 « Sans voile et dans l'éclat de toute sa beauté,
 « Vers moi glisser dans l'ombre avec la volupté.
 « Je couvre de baisers sa chevelure blonde,
 « Son front pur, ses beaux yeux... Mais, ô douleur profonde
 « Dérision cruelle ! alors que de mes bras
 « Je croyais entourer ses célestes appas,
 « Je ne pressais hélas ! dans ma folle tendresse,
 « Qu'un mont affreux, couvert d'une forêt épaisse,
 « Au lieu d'un front charmant, un sommet sombre illeux
 « Recevait les transports de mon cœur amoureux,
 « Pétrifié moi-même à cet aspect horrible,
 « Immobile rocher contre un roc insensible,
 « Je demeurai stupide ! »

Outros fragmentos.

« Votre nombre est petit, mais votre cœur est fort,
 « Pour étendre la foi, vous affrontez la mort,
 « Telle est sur toi des dieux la sentence éternelle,
 « O peuple de Lusuz, sois le peuple fidèle;
 « Pour prix de tes vertus, de ta soumission,
 « Sois de la chrétienté la grande nation. »

« ... Je vous chanterai, héros de la patrie,
 « Qui pour Dieu, pour le roi, donnâtes votre vie,
 « Et dont un beau trépas rends les noms immortels;
 « Je consacre à vous seuls mes accents solennels;
 « De ma lyre un moment je suspends l'harmonie;
 « Mais, ô filles du ciel, ô vierges d'Aonie,
 « Vous allez, rallumant ma flamme et mes transports,
 « M'inspirer vos plus fiers, vos plus brillants accords. »

Já M. Ragon, quando apprehendeu traduzir o poeta lusitano, havia vertido em verso francez as obras de Horacio e o *Child-Harold* de lord Byron; possui elle em alto gráo a arte de dobrar á sua vontade todos os rhythmos poeticos, e em toda a occasiao são geralmente os seus versos amplos e bellos; não obstante não diremos o que dizem os Allemães de huma traducção em verso que possuem do mesmo poeta, que he superior ao original; não, porque, qualquer que seja o talento e a pratica, nunca conseguirão imitar o ge-

nio, mesmo copiando-o; e quanto ao genio mesmo, poderá elle crear, porém nunca saber copiar o genio.

Emile Adelt.

ALGUMAS PALAVRAS

SOBRE HUMA NOVA PUBLICAÇÃO.

Dieu réserve à chacun l'événement qu'il accomplit.

CARIMBÉ DELAVIGNE.

TODAS as nações em sua adolescencia, no seu ancian por chegar á maturidade de sua idade, lançam hum volver de olhos como que por desprezo sobre os primeiros dias da existencia, sobre suas primeiras palavras apenas balbuciadas. Cheias de vida e de aspirações, não lhes tem ainda sequer o pensamento impresso huma ruga; vivem deste viver ligeiro que toma todo hum seculo por toda huma eternidade; que vê, havendo tantos ante ellas, decorrer os dias rapidamente, sem pensar que na manhã crastina poderão despertar sob o olhar de Deos com rugas e brancas: a historia das nações he a historia do homem.

E se no meio de huma dessas nações que vive no dia de hoje tão somente o dia de hoje, que não tambem o porvir, e que bem pouco se lhe dá da claridade das estrellas ao luzir do sol, que bem pouco se lhe dá das dôres de morte ao fruir da vida, se acham algumas intelligencias, não mais adiantadas, mas que cotejam com afanosa paciencia o desenvolvimento de todos os povos, que adivinham o futuro de hum pelo passado de outro, então ellas voltam seus olhos após, e começam de trabalhar, pois que o trabalhar do presente sobre o passado he somente que fructifica no porvir.

Vede agora todas as nações da Europa, cheias de enthusiasmo e de coragem, pesquisando com paciencia na poeira de seus conventos e de suas bibliothecas, ou colhendo nos labios de seus povos dispersos sobre a face de seu territorio, essas primitivas obras cabidas na singeleza do pensamento e do coraçao, essas produções em que respiram sentimentos da época, em que se acha, sob as letras mortas, as vidas dos antepassados, e que comprehendem, estas nações, que, a terem encontrado homens assaz pacientes que se dessem ao cuidado e á lembrança de conservar todos estes thosouros do pensamento que o tempo envolve desaparecendo com elles, não teriam por certo que fazer hum trabalho immenso, e muitas vezes infructuoso, para recuperar esparsos fragmentos, ou hum ou outro pensamento de hum homem de genio a quem Deos dera nobre missão nesta vida, e que seus contempora-

neos e successores desprezaram, cada qual por seu turno, como desprezaram os idolatras hum existir de alegrias eternas, repellindo as luzes sublimes do christianismo por ficarem envolvidos em sua treva.

Foi cheios deste pensamento que nos resolvemos a publicar as produções dos poetas do Brasil, de maneira tal que para logo se vulgarisem por todas as classes da sociedade. Haviamos a principio colligido, cada qual de sua parte, materiaes; hum para completar e estender seus conhecimentos sobre a litteratura de seu paiz, e revelar os a seus compatriotas; outro para dar á sua nação huma idéa mais exacta e mais extensa da litteratura brasileira, tão pouco e tão imperfeitamente conhecida na França, não obstante os ensaios de MM. Ferdinand Denis, Eugène de Monglave e J. de Marcy; e então, trocando adquiridas idéas, e communicando as nossas indagações e achados, nos propozemos offerecer o fructo de nossos trabalhos em proveito do publico. E de passo aqui daremos extracto do nosso prefacio, publicado em frente do primeiro volume, e que melhor poderá transmittir huma idéa adequada da obra que damos á luz da imprensa, de envolta com a alluvião das publicações politicas que ephemeramente surgem para ephemeramente desaparecerem.

« Nascida sob a influencia estrangeira, ou surgida de entre as crenças, usanças e costumes, tem todas as nações sua litteratura primitiva; as que porém se desenvolvem lentamente no seio das commoções de todos os povos, cheias de espirito cavalheiresco, de fé, de enthusiasmo e de amor, são sem duvida alguma muito mais ricas do que essas que avultam e se engrandecem no meio de huma civilização prospera e crescente, como aconteceu com a do Brasil. He todavia para notar que além disto possui elle huma litteratura primitiva que prospera de dia em dia, inspirada o mais das vezes na luta do espirito nacional contra a metropole, ou sob a influencia do espirito de conquista civilizador, e igualmente desabrocha cheia de frescura e de alento, como huma flor agreste de suas matas em torno ao pomposo alardear dessa natureza dos tropicos, e sob o grandioso esplendor do azular do céu.

« Foi sempre em as mais adiantadas épocas que os povos reconheceram a necessidade que tinham de se embeber nos conhecimentos dos primeiros passos de sua infancia. Esta época, que não tardará, pois que o crepusculo desse dia começa de vislumbra de entre as sombras de tão longa noite, graças aos ensaios e esforços estreados, não despontou ainda de todo para o Brasil; como porém não nos serão agradecidas as gerações do futuro, por não deixarmos se dispersarem e se perderem no volver do tempo, como em épocas em que não possuíamos a sublime arte de Guttemberg, tantas e tantas produções que, disseminadas e desamparadas á poeira dos annos, ali jazem como que condemnadas ao olvido, por

parecerem não ter mais que huma limitada importancia, e que no entanto, reunidas que sejam, formarão o corpo de toda huma litteratura.

« Não todos os modernos povos reconhecido a necessidade de remontar à sua origem, aos primeiros dias de sua infancia, essa expressão primitiva de suas paixões e de seu sentir, para melhor explicarem o presente; he o systema de Vico e de Herder, he a philosophia da historia, pois que o pensamento humano he huma como cadêa infinita, cujo primeiro elo deriva de Deos, e cujo derradeiro remonta à sua origem, como symbolo da eternidade; cadêa que encerra em toda a sua extensão as phases da humanidade.

« Colligio a Allemanha os mythos preciosos dos cantos dos Nibelungen, do livro dos herões (*Heldenbuch*), e os esparços de seus *minnesanger*, seus cantores de amor, nos quaes se resume toda a sua poesia cavalheiresca da idade media; possui a Hespanha de ha muito o seu *Romancero*, em que ressumbra a heroica altivez de seu character; recupera Portugal sua indole nacional que assoma nessas paginas do *Cancioneiro* e do *Romanceiro*, que recentemente viram a luz publica; conserva e procura a França, sem afan, os poemas de seus *trouvères*, esses cantos de amor da alma inspirado pelo christianismo; colleccionaram os povos do norte, e especialmente a Inglaterra e a Dinamarca, as poesias de seus bardos, cujo brilhantismo, cuja louçania, cuja frescura são como raios do sol que adormecem sobre a neve, e que scintillam nas faces lapidadas e diaphanas dos montes gelados.

« Pertence agora ao Brasil o ajuntar e colligir todas estas poesias, ora brilhantes, ora suaves, ora satyricas, ora donosas, ressumbrando de amor, que ahí passaram, que ahí passam desconhecidas e inapercebidas, e que por fim acabam por cahir no reinolhar do tempo, em cujo vortice desaparecem, como o ouro entre as mãos desses filhos de Tamarandá, esses mimosos de Tupa, que não conheciam o valor das riquezas que desdenhavam de possuir. E pois essa tarefa emprehendemol-a nós publicando o *Mosaico Poetico*, afim de que possua tambem o quinto imperio o seu archivo onde consigne parte de sua gloria litteraria, na qual mais se patentêa a nacionalidade de sua litteratura, pois que sempre nos trabalhos do pensamento esparços, primitivos, espontaneos dos povos he que hemos de encontral-a. Conterá por conseguinte esta publicação as produções ineditas ou raras, não fragmentos, porém as mais completas possiveis dos poetas dos passados seculos, como tambem algumas vezes muitas das poesias modernas que percer não devem para o edificio intellectual. Tencionavamos a principio fazer huma publicação com o titulo de *Bibliotheca Brasileira*; não lhe podiamos porém dar a mesma variedade que ao *Mosaico Poetico*, que não trará seguidas todas as produções dos autores, posto que

sempre completas, havendo no fim do avro hum indice para classifical-as. »

« Huma introdução historica, rapida e concisa sobre a litteratura brasileira precederá as poesias, cujos autores e autoras montam já a mais de cento e cincoenta; notas succinetas, e encerrando ás vezes alguma erudição, acompanharão essas produções; assim como se acharão tambem breves noticias biographicas que darão a conhecer a vida desses Brasileiros illustres.

« Não será por ventura aos contemporaneos, que de passo aproveitamos para aqui o dizer, que iremos mendigar a recompensa de nosso trabalho, nem tao pouco se nos dá que mesmo em mã conta nol-o levem, não comprehendendo-o em toda a sua extensão, pois que apenas lhes pediremos o seu apoio, porque tão sómente as gerações futuras nol-o saberão agradecer, já quando o Brasil houver decorrido parte do periodo litterario que hão todas as nações de percorrer para tocar o apogêo, já quando enfim tiver raiado para elle huma dessas épocas que tudo sabe comprehender, sem nada excluir, e que merece ser chamada — o grande seculo! »

Esta compilação será, como se deprehe de que levamos exposto, hum fragmento historico, hum fragmento precioso para todos aquelles que trabalham com consciencia, que comprehendem que se não penetra o espirito dos povos por simples factos, mas igualmente pelo pensamento que resuda das massas.

Permitta-se-nos que finalisemos com hum passo do discurso de M. Michelet, pronunciado em 1839, quando substituiu a M. Guizot na cadeira de historia.

« He à historia que nos devemos ligar, são os factos que devemos interrogar quando a idéa vacilla e nos foge aos olhos. Enderecemo-nos aos anteriores seculos, soletremos, interpretemos essas prophcias do passado, talvez que ahí distinguamos sequer algum raio matinal do porvir. Relata-nos Herodoto que certo povo da Asia, tendo promettido a corôa ao que primeiro visse apontar o dia, foi para logo azo para que todos olhassem o oriente; apenas hum unico, mais avisado d'entre elles, voltou-se para o lado opposto; e com effeito, enquanto o oriente jazia ainda de envolta na sombra, elle divisou no occaso os claros da aurora que vinham branquejar nas grimpas de alterosa torre. »

Emile Adè e J. Norberto de S. S.

A MELANCOLIA,
INSPIRAÇÃO POÉTICA

offerecida ao meu amigo o Sr. Santia-
tiago Nunes Ribeiro.

O vento já mal suspira,
O mar frouxo murmura,
O céu já todo se cobre
Do manto da noite escura.

Os ecos emmudeceram,
Os rebanhos se afastaram,
As mimosas, tenras flores
A cabeça já curvaram.

Nenhum som quebra o silencio
Deste sitio venerando,
Nem se quer ouço as pisadas
Daquelles que vão passando.

Frondosos ramos do cedro,
Densas copas da mangueira
Mal se agitam pelo sopro
Da mansa briza fagueira.

E surdamente gemendo
Humna fonte apenas ouço,
E o triste piar de hum mocho
Naquelle vasto pedrouço.

A lua, que já brilhava,
Pouco a pouco se escurece,
E meu coração aperta,
E minha alma se entristece.

Sombrias idéas vagam
No sombrio pensamento,
Como nuvens carregadas
Impellidas pelo vento.

E vão, e vem, se cruzando
Entre mil ternas lembranças,
E minha alma vai passando
Por successivas mudanças.

Tudo em mim já he tristeza;
Minha alma já se angustia,
E és tu, és tu que me affliges,
Saudosa melancolia.

Oh! quem deo-te o verniz maravilhoso
Que lança nos meus ternos sentimentos?!
Oh! donde se origina essa tristeza
Com que minha alma opprimes?!
E porque lhe apresentas longo e vasto
Horizonte de funebres idéas?!

Que vês tu no passado ou no futuro?
No passado talvez muitos pezares;
No futuro, quem sabe? — infindas magoas.

Bem como sobre a matizada teta
Onde ousado pincel derramou vida
Negro véo transparente se lançasse
Assim tinges de pena
Inda mesmo o prazer, inda a ventura.
Embalde o coração manso e tranquillo
Quizera desfructar a paz serena;
Hum vago sentimento indefinivel,
Hum pezo d'alma, hum não sei de triste
Me convida a gemer, aos ais me chama,
E pouco a pouco se deslisam ternas
Involuntarias lagrimas nas faces,
E eis-me entregue á amargura, entregue ao pranto.

Quando lá n'alta noite, como agora,
Deixando o leito a natureza eu busco,
Mais e mais se redobra
A maviosa dor que em se mim abriga.
Entregue a reflexão neste silencio
Espraia-se minha alma docemente,
Como o languido mar que murmurando
Hum tributo de escumas offerecer
A's penhas que o rodeam.

E que me inspiras tu, melancolia,
Que fazes presentir, que vens lembrar-me?
Hum prazer que não chega — a morte instante;
Os desgostos da vida — á eternidade.

Silencio, ó lyra, silencio!
Cala-me o som que feriste:
Minha alma ouvil-o não pôde,
Elle he triste e mais que triste.

Bem sei, bem sei donde nasce
A minha interna agonia,
Bem sei, bem sei porque soffro
Acerba melancolia.

E não vês tu, minha alma quem te causa
Esse vago desejo que te punge?
Não vês porque suspiras, quando olhando
P'ra a aboboda celeste, consideras
Na ventura dos seres que a povoam?
Peregrina vagando

Sobre a terra do exilio oh! tu suspiras
Quando cravas no céu languidos olhos;
Macerada dos golpes da desgraça,
Privada dos amigos que tens visto
Cahirem junto a ti bem como as flores
Com que a briza da tarde junca a terra,
Tu choras de saudade; ou presentindo
Hum mal com que te acena atro futuro
Tu te lança n'hum mar de mil angustias.

E qual nos ares vaga incerta a pluma
 Cedendo à força que p'ra a terra a chama,
 E sem vigor que oponha à resistencia
 Que o éther lhe offerece ;
 Tu nascida nos céos , os céos procuras ;
 Tu buscas solitaria cá na terra
 Huma imagem se quer dessa ventura
 Que devias gozar e que perdeste.
 E como a fragil pomba sequiosa
 Que esvoaça entre penhas escavadas
 Buscando mitigar a sede ardente ,
 Desfalece inanida e cahe por terra ;
 Assim com dor tu provas
 Quantos bens falso o mundo te apresenta ,
 E da morte o amargor em tudo encontras.
 Tua existencia arrastas suspirando
 E à borda do caminho alveja a tumba.

Ah ! como não desejar
 Romper a terrea prisão
 Que nos impede o voltar
 A' celeste habitação ?

Ah ! como viver sem dor
 Neste desterro da vida !
 Ah ! como não suspirar
 Por essa patria querida.

Lá sómente venturosa
 Nossa alma ser poderá ,
 E vida eterna dos justos
 A justa porção será.

Emquanto pois cá na terra
 Espero aquelle momento
 Em que minha alma adejando
 Voará p'ra o firmamento ;

Emquanto as ondas do tempo
 De sustentar-me não cançam ,
 E nas plagas da outra vida
 Por huma vez não me lançam ;

Pezada e negra tristeza
 Meus dias enlutará ,
 E apenas cantos de dor
 A minha alma entoará.

Não deixarei de gemer
 Nas horas da solidão ,
 Não deixarei de penar
 Dentro do meu coração.

A. F. Dutra e Mello.



O CÃO DO SOLDADO.

BALLATA.

Il a fui comme un songe
 En... disant: " Je reviendrais " ,
 HALÉVY.

I.

Rufaram as lusas caixas ,
 Rufaram toque de guerra ;
 Que phalanges hollandezas
 Pisam já brasileira terra.

II.

O velho Anselmo de balde
 Junto a si busca reter
 Seu filho Affonso , que ardente
 Só deseja combater.

III.

« Vai , e eu que triste gema ,
 « Pobre velho abandonado !
 « Que fique sem alimento
 « Por ter hum filho soldado !

IV.

« Ha além aquelle monte
 « O sol o dia trazer ,
 « Eu chorarei de tristeza ,
 « Chorarei sem ter comer.

V.

« Ha de vir a noite escura
 « E com fome inda estarei ,
 « E chorarei de tristeza ,
 « E de ti me lembrarei ! »

VI.

Rufaram as lusas caixas ,
 Rufaram toque de guerra ,
 Que phalanges hollandezas
 Pisam já brasileira terra.

VII.

« Quando a sede ás seccas fauces
 « A secca lingua grudar-me ,
 « Quem buscar agua na fonte
 « Para a sede saciar-me ?

VIII.

« Vai, e eu que triste gema,
 « Pobre velho abandonado!
 « Que morra sem alimento
 « Por ter hum filho soldado!

IX.

« Teu braço, Affonso, que vale
 « Falta ahi que combater?
 « Queres ver de susto e magoa
 « Teu velho pai perecer?... »

X.

« Vou-me lá, que chama a patria,
 « Vou-me lá, que sou soldado,
 « Juramento que hontem dei-lhe
 « Não o quero hoje quebrado.

XI.

« Defendel-a de inimigos
 « Ou com ella me findar:
 « Esta espada que ella deu-me
 « Deu-m'a para pelear. »

XII.

« Vai, e eu que triste gema,
 « Pobre velho abandonado!
 « Que morra sem alimento
 « Por ter hum filho soldado!... »

XIII.

Rufaram as lusas caixas,
 Rufaram toque de guerra;
 As phalanges inimigas
 Assolam já nossa terra!

XIV.

« Dê-me, meu pai, sua abenção
 « Sua abenção, que me vou!
 E o pai abraçou o filho,
 E o filho após o abraçou!

XV.

E o bravo Affonso partio-se,
 O bravo Affonso p'ra guerra,
 Amor da patria o anima,
 Terror de morte desterra.

XVI.

Leva comsigo seu cão,
 Ninguem mais o acompanhou;
 Moço como elle tão bravo,
 Em nenhures se encontrou!

XVII.

Mas tres dias se passaram,
 E mais tres e outros tres,
 E Anselmo espera o filho
 Huma vez... e outra vez...

XVIII.

Não rufaram mais as caixas,
 As lusas caixas de guerra,
 Que a espada do grão Vieira
 Regenerou nossa terra!

XIX.

Essa flor da mocidade,
 Que a voz da patria chamou,
 De louros engrinaldada
 A seus lares se arrojou.

XX.

Porém Affonso não volta...
 Pobre velho abandonado!
 Que morra sem alimento
 Por ter hum filho soldado!...

XXI.

Esperou inda tres dias
 E cansou-se de esperar;
 Sempre a chorar de saudades,
 Sempre por elle a chamar!

XXII.

E hum dia eis o cão que chega
 Cão que levára o soldado...
 « Perto vem, pensou Anselmo,
 O meu filho idolatrado!

XXIII.

Esperou outros tres dias
 E cansou-se de esperar;
 Sempre a chorar de saudade,
 Sempre por elle a chamar.

XXIV.

Lá á porta da choupana,
Hum gemendo... outro a grunhir...
Ambos a espera de Affonso,
Que nunca mais... ha de vir!...
F. J. de Souza Silva.



O CANTO DO MARINHEIRO.

BALLATA.

..... Sur cette onde morte,
Ou ton pâle éclat vient mourir.
DELAIGNÉ, Une étoile.

I.

« Nasci, como ave marinha,
Sobre estas ondas do mar;
Na triste minha barquinha
Cresci da onda ao embalar.

II.

« Na minha infancia innocente
Por terras nuvens tomei,
E dessa illusão contente
Mil vezes — Terra! — gritei.

III.

« Ao silvo da tempestade
As ondas via dansar,
Cheio de temeridade
Punha-me logo a rezar.

IV.

Amei a brisa, que asinha
Foi-me tormenta cruel;
Amei a onda marinha,
Foi-me qual onda infiel.

V.

« Amei depois huma estrella,
Que no céu via brilhar,
Ou, inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

VI.

« Na terra hum dia a encontrando
De meu amor lhe fallei;
Porém á terra voltando
Em vão por ella busquei.

VII.

« Mas ainda como estrella
No céu a vejo brilhar,
Ou, inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

VIII.

« Na minha patria inconstante,
No oceano, vou morrer,
Onde possa a minha amante
Sobre as aguas vir me ver!... »
J. Norberto de S. S.



FRAGMENTOS

DE FERNANDES VIEIRA,

drama em 4 actos e em verso; offerecido e dedicado ao Illm. Sr. J. B. L. D. Sénéchal, doutor em medicina, presidente da sociedade de Beneficencia Francaza, cavalleiro da Legião de Honra, etc., etc.; por L. A. Burgain.

(Continuado do numero antecedente.)

ACTO II. — SCENAS 9, 10, 11 e 12.

*Vieira, Calabar, Vidal, Antonio, Octavio,
Conjurados.*

.....
.....
OCTAVIO, *chegando.*

..... Impaciente
Por combater, o campo se alvoroça!

VIEIRA.

Partamos! — Poucos somos; mas da patria
O santo amor abrasa as nossas almas;
E havemos triumphar! — Lembrai-vos, filhos,
Que assombrados a nós a vista inclinam
Santa-Cruz, Portugal, o mundo inteiro!
(*Todos sahem, menos Calabar.*)

(*) Offerecida e escripta no album da Illm. ^a Sr. ^a D. Maria Joanna Rademaker, por occasião da sua partida para a Belgica.

CALABAR.

Ide ! correi após esse fantasma
Que chamam gloria ; e possais vós somente
Morte ou ferros achar !

(*Indo para a entrada da barraca.*)
Maldito outeiro ,

Que me tolhe o combate presenciar !
(*Canhão e fuzilaria ao longe. Volta Calabar para a frente da scena.*)

He decisiva a luta ; e , se enganada
Nao fôr minha esperanza , em breve Hollanda
Ha de calcar com planta victoriosa
Esses outros intrusos , que este solo
Adubaram co'o sangue dos legitimos
Senhores.

E comtudo , julgar-se-hia
Que hum demonio os protege , que se esmera
Em frustrar-me os intentos ! O segredo
Embora atraioçei ; que não valeram
Esforços a abafar em sua origem
O incendio , que agora tudo abraça !
Esse Indio desprezível , que a vingança
Chamava nas fileiras hollandezas ;
Alfonso , por milagre escapo á morte...
Mas , não desanimar ! que não sou homem
Que vergue co'a procella. Meu desenho
Profundo seguirei firme ; e não curo
De obstaculos , comtanto que eu triumphe.

E quem a tantos crimes arrastrou-me ?
A vingança nao foi. Em vão quizera
Co'ella justificar-me aos proprios olhos.
Foi o funesto amor que neste peito
Ateou uma mulher que só com crimes
Posso gozar ; a fria indiferença
Com que me mata essa mulher. Oh ! antes
Quizera que me odiasse ! Porém , vê-a
Abrasar-se por outro... Não ! não posso !...

Da frigida rasão a voz me clama :
Luta , infeliz ! arranca do teu peito
Esse amor fatal ! — Ah ! dizei aos astros
Que cessem de allumiar a noite ; aos ventos
Que reprezem os halitos ; aos rios ,
Que seu curso suspendam ! — Se na luta
O homem succumbe , a Deos lançaí a culpa ,
Que para triumphar lhe não deo forças ! !...
(*Redobra o canhão e fuzilaria.*)

A briga se encrucece... De que lado
Pende a victoria ? Horrivel incerteza !
He tempo de findares ! — Mas , Maria...
Não a vejo... Onde está , que do combate
Nao vem saber noticias ? Temerosa
O desfecho do pleito aguarda... ou antes ,
Prodiga a meu rival afortunado
Desvelos que eu pagára com meu sangue !
Quero saber...

(*Moris atravessa a scena.*)

Meu pai !... aonde os passos

Dirigis ?

MORIS.

Ao combate , onde ha mais tempo
Estivera , a não serem meus enfermos.

CALABAR.

Posso gemer das ordens que me prendem
Debaixo desta tenda , emquanto os outros
Combatem pela patria. Mas , de Moris
O lugar...

MORIS.

He no campo da batalha ,
Dos feridos ao lado ! Não carecem ,
Amigos ou contrarios , de soccorros ,
Ou de quem os console na hora extrema ,
Co'a palavra de Deos ? !

CALABAR.

Mas , inimigos...

MORIS.

Não he meu inimigo o desgraçado !
(*Grande rumor ao longe.*)

CALABAR.

Esses clamores...
(*Corre para fora da barraca.*)

MORIS.

Vamos !
(*Chega Affonso mui pallido.*)
Onde corres ,

Infeliz ?

AFFONSO.

Ao combate !

MORIS.

Tu deliras !
Co'a ferida não podes...

AFFONSO.

Pela patria
Posso verter o sangue que me resta.

HOLLANDEZES , ao longe.

Hourah ! hourah !

AFFONSO.

Escuta ! Os Hollandezes

Triumpham !

MORIS.

Grande Deos !

AFFONSO.

Ao menos quero

Morrer no campo da batalha !

(*Sahe Affonso precipitadamente. Indo tambem Moris para sahir , chegam alguns fugitivos consternados , clamando :*)

He morto !

Vieira !

MORIS.

Sorte infausta ! só nos resta

Tambem morrer !

(*Tapa o rosto com as mãos. Continua-se a ouvir o canhão. Moris torna a si , e clama como inspirado :*)

Ouvi essa voz funebre...

A voz da liberdade moribunda !

(*Erguendo hum crucifixo.*)

Deos e patria ! Segui-me ! Colher vamos

A palma da victoria , ou do martyrio !

(*Sahem.*)SCENA 11.^a

CALABAR.

He morto ! he morto Vieira ! e tambem morto Seu partido ! Acabou-se a guerra ! — Affonso Desta vez não escapa. Enfim , triumphas , Triumphas , Calabar ! — Mas , dentro d'alma Os transportes concentra. Tambem lagrimas Has de verter... Sim , lagrimas de jubilo !... Vai-se entregar a negro desespero Maria ; mas , o tempo ha de mingoar-lhe A saudade , estancar-lhe o pranto ; e hum dia , Sem amigos , sem patria , sepultada Em pobreza , ha de ser minha.

(*Gritos fora.*)

Victoria !

CALABAR.

Não m'illudo !

(*Gritos fora.*)

Victoria !

CALABAR , *correndo à entrada da barraca.*

Deos ! Vieira !

Maldito !

(*Chegam Vieira , ferido , com a espada quebrada ; Moris , Octavio ; alguns soldados.*)

MORIS.

Estás ferido... Vem conosco !

VIEIRA.

Deixai-me ! que inda temos inimigos !...

OCTAVIO.

O campo à rêdea solta desamparam ,
Juncado com seus mortos e feridos.

(*Gritos mui perto.*)

Victoria !

MORIS.

Ouves !...

(*Entram Vidal , Camarão , Affonso , Henrique , Antonio , hum joven guerreiro com a viseira decidida ; conjurados e soldados.*)

VIEIRA.

Vidal !...

VIDAL.

Dos Hollandezes

He completa a derrota. Os fugitivos ,
'Spavoridos , no rio a morte bebem.

VIEIRA.

Filhos ! outra victoria semelhante ,
E Santa-Cruz he livre ! — Mas , não vejo
O guerreiro que a vida , denodado ,
Arriscou por salvar a minha...

(*Approxima-se o mancebo.*)

Ah ! deixa

Que eu conheça o meu salvador.

(*Ergue-lhe a viseira.*)

TODOS.

Maria !...

VIEIRA.

Minha filha ! ! !

MARIA , *commovida.*

A promessa desempenhei...
Sempre , sempre a teu lado !...

VIEIRA.

Ah ! como os ferros

Não havemos quebrar desses tyrannos ,

Se até, para de jugo libertar-nos,
A tímida donzella arma seu braço!
(*Abrindo os braços.*)

Minha filha!...

MARIA.

Meu pai!...
(*Abraçam-se.*)

TODOS.

Gloria a Maria!



O DIA 6 DE ABRIL DE 1831.

FRAGMENTOS DE HUM POEMA.

Quare fremuerunt gentes? et populi
meditati sunt inania?
PSALMO 2º.

Que frémito espantoso no ar estruge,
Que vaos projectos as facções meditam?
O povo, leão sanhudo acorda e rugue,
Os flancos lhe palpitam,
Erriça a espessa juba. —
Ouviria o clangor da marcia tuba
De caçador que intrepido o persegue?
Seu olhar he scintillante qual relampo;
Sequioso já de sangue, á raiva entregue,
Retouça pelo campo.

Da noite as densas trevas envolviam
Céos e terra do indico hemispherio:
Da grande capital do novo imperio
Ao campo em grupos rapidos affluam
(Quaes ondas que a procella
Espumeas encapella)

Os cidadãos, a tropa, o vil escravo,
O joven liberal e generoso,
O indifferentista ignavo,
O servil e o democrata audacioso:
Todos gyram, se esbarram, correm, rüem,
A' multidão se avançam,
Quaes ribeiros que a hum grande rio affluem
E no seu largo leito emfim se lançam.

Out'ora alli reboava o som do viva,
A aclamação triumphal do rei patriota:
O mesmo povo hoje á ignominia o vota
No phrenesi de sua ira vingativa.
Out'ora elle era o defensor do imperio
O numen tutelar, o pai, o amigo,
A detracção infernal, o vituperio
Hoje da patria o chama atroz inimigo,
Tyranno violador das liberdades,
Rêo de culpas mil e iniquidades.

A politica o censura inexoravel,
Ingratos e perjuros o abocanhão,
E da torva calumnia abominavel
Contra elle as serpes rabidas se assanham.

.....
E apagou-se de todo a immensa gloria
Do fundador do imperio americano?
A nuncia da verdade, a fiel historia,
Dirá que elle accordou nefando plano.
Do impio absolutista na espelunca?
Não: a historia o disse: nunca, nunca.

.....
Do tempo no caminho eterno avança
O imperio collossal que ergueo na America:
A sua voz despertou na terra Iberica
O valor, o patriotismo e a esperanza.
Pela Carta e pela Filha sua querida
Expoz mil vezes e rendeo a vida.

Grande homem dos dous mundos, ainda falta
Hum periodo em que deve ser provada
A tempera de teu sceptro e tua espada.
No entanto a minha cythara te exalta
Como hum genio de luz e de progresso,
Como hum libertador do povo oppresso.

Na minha solidão te dei silente
Hum culto puro na sasão adversa
Em que do vulgo a voz maledicente
Cobrio-te de baldões.....
E havias salvo o teu paiz dilecto
D'atra anarchia, proferindo o — Fico:
De novo apparece com medonho aspecto,
De novo o salvas escrevendo o — Abdico —

O DIA 7 DE ABRIL DE 1831.

Adjutor meus esto: ne derelinquas me, neque despicias me, Deus salutaris meus.
Quoniam pater meus et mater mea derelinquerunt me: Dominus autem assumpsit me.
PSALM. 26, v. 9. 10.

Salve, augusto penhor da união e dita
Do imperio entre os da terra mais grandioso!
Debil, mimosa flor que açoita, agita,
Das tredas revoluções o vento iroso!
Oh quão cheios de susto não te vimos
Nascido junto a hum barathro insondavel!
Da Mãe querida, oh quão cedo os mimos
Veio roubar-te a parca illacrymavel!
Quão breve o Pai amado
Deixou de consagrar-te os seus desvelos!
Como da infancia os dias teus mais bellos
Passaste, exposto ao sopro envenenado
Do infortunio.....
No meio dos tumultos, dor, e espanto

Que reinavão no augusto domicilio
 Pedro e Amelia em pranto
 Os derradeiros beijos te imprimiram.
 Por ti, por tuas irmaas.
 Do Pai celeste as bençoas imploravam, ...
 E o terno adeos da dôr vos dirigiram.

Tu que huma das pedras numerarias
 Da independencia patria collocaste :
 Tu que a maior das glorias litterarias
 Do teu paiz nas sciencias alcançaste,
 Andrada, Andrada, egregio Brasileiro,
 Vem do imperio guardar a garantia !
 És do Principe amigo verdadeiro,
 Ardente defensor da monarchia !
 Sobre os do povo candidos Penhores
 Vela, ó grande homem, com paternos olhos.
 Ah, não permittas que essas tenras flores
 Sejam feridas pelos vis abrolhos !
 Vem de novo affrontar os escarcéos
 Do oceano popular apparellado ;
 Sob lampejantes e nublados céos
 Conduz ao porto o teu Pupillo amado.

Quanto são admiraveis os teus juizos,
 Senhor, sobre os destinos dos humanos !
 Quem pôde desprezar os teus avisos
 Quando alheias catastrophes fataes
 Nos dão liçoas terriveis ? O que he feito
 Da pompa, do esplendor, do humilde preito
 Devidos ao monarcha ? Onde os pretensos
 Amigos que o cercavam reverentes
 Nos festins, nos triumphos esplendentes ?
 Munifico os encheo de bens immensos,
 E hoje o abandonam ? Aonde fogem, aonde
 Quando o astro imperial no mar se esconde ?
 Não mais echôa o paço as vozes melicas
 Da lisonja curvada e genuflexa ;
 Sim, que alli já das ambiçoas famelicas
 Foge a esperança, tímida e perplexa...
 Os que anhelaes inda honras e thesouros
 Ide ao povo triumphante render cultos :
 Na praça estão agora os sorvedouros
 As ricas minas, cabedaes occultos...
 Apedrejai o sol que já no occaso
 Vai sumindo-se ; ingratos ide embora,
 E se ingratos não sois, se por acaso
 Sois amigos, e o medo vos pavora,
 Ah ! não mais profanar esse ermo asylo
 Do heroe que vê magnanimo e tranquillo
 Condensar-se de ante elle a horrivel treva
 Do infortunio ! Jámais grandeza de alma (*)

(*) Os mesmos inimigos de Sr. D. Pedro I não se atreveram a negar que elle mostrou no dia da abdição a constancia de hum heroe. * Deve-se confessar, diz Armitage, que nesta occasião D. Pedro mostrou huma dignidade e grandeza de alma de que não usara nos dias da sua prosperidade.,

Tanta mostrou ! Assim a fronte eleva,
 Se immenso pezo a opprime Idúmea palma ! (*)
 « Faz bem quem se retira do meu lado ;
 « Não quero que por mim se sacrifique (**)
 « Cidadão que puder servir o estado ;
 « Ao meu querido filho se dedique. »

« Paiz que tanto amei e que amo tanto, (***)
 Adeos, adeos :... abduco no meu Filho.
 Possa nunca pezar-lhe o flavo manto
 Nunca se eclipse nelle o regio brilho !
 Ao mais illustre sabio brasileiro (****)
 Deixo dos caros Filhos a tutela...
 Ah ! que elle he meu amigo verdadeiro ..
 Generosa nação, protege e zela
 Este penhor sagrado de concordia,
 Apaga, apaga o facho da discordia !
 Nobre paiz, berço da minha gloria (*****),
 Donde o meu nome, como a luz do oriente
 Pelo orbe se effundio, poisou na historia,
 Por ti duas corôas abdiquei contente
 Para sempre, que á patria sô desejo,
 E aos caros filhos e á consorte amada,
 Venturas e esplendor... para mim só vejo,
 Atravez de huma nuve ensangentada,
 As fadigas, a angustia, a gloria e a morte..
 E a missão linda que me coube em sorte.

E hum anjo alvinitente ao céu subia
 Do seu Brasil as supplicas ardentes.
 « Senhor, de nós arreda os imminentes
 « Perigos ; salva o povo da anarchia.
 « Só tu podes calmar co'o teu aceno
 « As atras tempestades populares : —
 « O Principe, Senhor, não desampares ;
 « E aguardara sereno,

(*) Imitação de huns versos de Diniz.

(**) Faz bem, não desejo que ninguem se sacrifique por mim. Armitage, pag. 205.

(***) Aqui está a minha abdição desejo que sejam felizes : retiro-me para a Europa, e deixo hum paiz que tanto amei e ainda amo...

(****)... nomeei tutor de meus amados filhos ao muito probo, honrado e patriótico cidadão, o meu verdadeiro amigo José Benício de Andrada e Silva... resta-me agora como pai, como amigo da minha patria adoptiva, por cujo amor abdiquei duas corôas para sempre, huma offerecida a outra herdada, pedir a augusta assembléa geral que se digne confirmar esta minha nomeação.

E assim o espero, confiado nos serviços que de todo o meu coração fiz ao Brasil, e em que a augusta assembléa geral não deixará de querer alliviar-me desta maneira hum pouco as saudades que me atormentam, motivadas pela separação de meus caros filhos e da patria que adoro.

Carta de Sr. D. Pedro I. a assembléa.

(*****). Imitação da despedida de Napoleão a França por Lord Byron.

« O' Deos, a ardua missão que lhe destinás,
« Se com tua santa graça o illuminás. »

.....
.....
« O' tu que a luz (*) lhe deste,
Mulher de dilecção entre as creaturas,
Tu já deixaste pelo Eden ceieste
Nosso valle de prantos e amarguras!
Por teu Filho, por nós a Deos implora,
Contra o mal que impios fados suscitaram:
Possa dizer o orphão inelyto nesta hora:
— Meus pais me abandonaram,
Mas tu, Senhor, que delles me separas,
Refugio m'ês, com teu poder m'amparas — »

E nas azas de hum vortice estrellado
O cherubim da paz desceo do empyreo:
Eis do povo no campo agglomerado
Com hum sopro extingue o anarchico delirio.
Retumba a aclamação do augusto Infante;
O perdao aos vencidos offerecem
Os chefes do partido triumphante,
E os odios vingativos adormecem.

S. N. R.



AO SENHOR D. PEDRO I

de gloriosa memoria.

ODIS

Meu rei, e meu senhor, se a lyra he tosea,
Grosseira a mão que a pulsa, he d'alma o canto;
De huma alma agradecida,
Prostrado estou, senhor, que sô prostrado
Cantar se deve e nome teu sublime,
E os teus preclaros feitos.

(*) A vida, a exaltação.

Se a rude voz da terra escutam anjos,
Por hum pouco t'inclina, e os olhos volve
Ao vate humilde e escuro.
Humilde! humilde não, que tem nos labios
Teu nome, oh Pedro, tão fulgente e nobre;
E o sol tudo abrilhanta.
Hum sol tu foste no acordar formoso,
Formoso no pousar da excelsa fronte,
No leito crystalino.
Os reis dos thronos curam, mandar querem,
Mas raro aquelle vem, que ama o seu povo.
Igual não teve Pedro:
Amou seu ninho, e aquelle amou com véras,
Onde acolhido fôra, o seu fugindo
No paternal regaço.
Hum sceptro lhe offertaram. — Elle o acceita,
Mas dando ao povo em trôco a independencia!
Era o sol que acordava
Raiar brilhante foi de hum claro dia,
Que o Indio do Brasil saudou, já livre
Dos ferros que o magoavam.
Agora baixo, oh lyra, que nos labios
A voz expirar sinto, e na lembrança
Horriavel quadro tenho.
Perdôa, patria minha, eu não te accuso,
Que o dedo regedor da natureza
Outro curso apontava.
Dar liberdade à terra onde se nasce!
Que empreza ha, que mais nobre se apresente
A hum generoso peito!
Deixou-te escura noite, se apartando,
Mas foi a libertar a gente lusa.
Era do sol o occaso.
Quem dous sceptros despreza ama vêr livre
O mundo inteiro, e o mundo livre fôra,
Se elle o mundo regera.

Pelo bacharel Teixeira.



BELLAS ARTES.

CONCERTO

de mademoiselle Galvani.

Não tinham as mulheres na antiga sociedade senão muito limitada influencia sobre os costumes, os trabalhos e espirito dos homens; cuidosas dos interesses domesticos, não tinham preponderancia na sociedade. Ao christianismo he que se deve o culto que lhes dedicaram, culto inspirado pela sublime imagem da virgem e dos anjos, e que teve todo o desenvolvimento nas épocas cavalleirosas, no meio dos torneios, em que os cavalleiros traziam as côres de suas damas, em que os peetas, coroados pelas rainhas de amor, exprimiam seus sentimentos em versos cheios de paixão. He inteiramente ao christianismo, que deu nascimento á cavalleria, que devemos a nôr parte dos costumes modernos. Quoão bemfazeja não fóra para o espirito civilizador a influencia das mulheres pesando sobre nossos gostos, nossas conversações, nossas occupações! Foi no seio da sociedade que progredio a civilisação; já pela necessidade de trocar os conhecimentos, já pela de adquiril-os.

Tempo houve em que no Rio de Janeiro não existia verdadeiramente sociedade, ou tinha tanto de original, que era mais propria para fazer retroceder o espirito humano no Brasil, do que para adiantal-o. Hoje já se custa a encontrar nas cidades esta estranheza de não gosto tão prejudicial ao progresso, que parecia antigamente se ter apoderado dos habitantes do nobre imperio de Santa Cruz. Hoje já se não receia encontrar-se em reunião, e por isso tivemos huma das mais bellas que tem tido o Rio de Janeiro no concerto de mademoiselle Galvani; a sala, cheia, demasiadamente cheia, não era composta em parte senão de pessoas mais distinctas da capital. Houve poucas vezes no Rio de Janeiro hum concerto em que estivessem reunidos tantos talentos musicaes. Ouviram-se nelle a voz ampla e bella do Sr. Fiorito, muito vasta para huma sala estreita e cheia de tão numeroso auditorio; mademoiselle Galvani, habil professora de musica, que sabe dar a seu canto

todo o sentimento e espirito que requer, e que possui muitas notas vibrantes e bellas; o Sr. Ribas, que cantou a aria da segunda parte com a sua costumada graça. He sonora e harmoniosa a voz do Sr. Ribas; tem elle notas magicas que echão na alma, e ás quaes dá toda a expressão do seu coração de artista. He desses moços para quem ha futuro, e que não deixam de ir longe, quando os favorecem as circunstancias. Também fez ouvir o Sr. Navarro, em hum andante tocado sómente com a mão esquerda, e n'hum trinado, o modo superior com o qual faz exprimir se o seu instrumento; e enfim o Sr. Noronha, que tocou na sua tabeca magicas composições suas, ás quaes os ouvintes, algum tanto frios nessa noite, não puderam resistir, e ao retirar-se agradeceram ao amavel artista com numerosos applausos; pois também he o Sr. Noronha moço cheio de porvir! Talento simples e sem impostura, sabe fazer suspirar as cordas de seu instrumento com toda a naturalidade; deixa ás vezes andar o arco com tanta brandura, que se julgaria que nelle nunca ha energia; porém, logo que o quer, como não exprime lagrimas e soluços pungentes! O seu talento para a tabeca não he o unico que nelle transluz; adquirirá, de certo, hum dia reputação de compositor: quem não descobre nas suas composições, hem que pequenas, em as quaes não pôde introduzir todas as vibrações de sua alma de poeta, que ali cresce hum homem de genio para o futuro?!

Quanto á composição do concerto, apesar de reunir quasi todos os jovens talentos musicaes que se acham na capital, não deixava de ser alguma coisa monotona. Se se soubesse todavia quanto he difficil a composição e disposição de hum programma, dar-se-hia toda a desculpa. He mister sempre collocar o que ha que executar de huma maneira engenhosa, para que cresça o interesse; he mister variar o caracter e as melodias, e graduar a animação; he também mister dispôr os cantores de modo que não prejudiquem hums aos outros, e que tudo concorra para o effeito geral. Como se vê, cousa grave e difficil he a composição de hum

programma ; pôde comprometter às vezes o exito do concerto , que entretanto possua todos os elementos para ser bom. He na disposição do todo que se conhece o gosto e conhecimentos do autor. Não dizemos com isso certamente que a mademoiselle Galvani falta o gosto e os conhecimentos musicaes , pois conhecemos todo o seu merito e talento ; entretanto podia o programma soffrer al-

guma alteração. Todavia he o mais bello concerto publico que tem havido no Rio de Janeiro , e aconselhamos aos artistas que nos dêm de quando em quando mais desses passatempos ; com elles despertarão no Brasil as vastas e nobres intelligencias que se dedicam à musica.

E.

VARIETADES.



PROGRESSOS DOS ITALIANOS.

Ao Illm. Sr. Emilio Joaquim da Silva Maia , pelo doutor Pasquale Pacini.

Artigo I.

O empenho em firmar as nascentes relações scientificas entre a Italia e o Brasil , me induz a publicar algumas verdades contrariando varios artigos de folhas periodicas escritas em diversos tempos e lugares , nas quaes se deprimem pessoas , instituições , e outras cousas italianas. Se eu existisse no meu paiz , nenhuma conta faria das injurias , das incivis comparações , e tristes vaticinios à vista do prazer que me causam as noticias dos progressos , que vão fazendo na civilisação os paizes do norte da Europa. Cordialmente nos alegamos todos de que huma civilisação madura , e baseada sobre virtudes domesticas e nativas , tenha elevado a Allemanha a ponto tal , que mudada até na antiga authoridade do seu clima possa agora servir de exemplo de nação moral ; e com razão tenha merecido o nome de fiel da balança politica da Europa.

Os mesmos effeitos podemos tambem esperar da civilisação , que com imprevisto e magnanimo favor dos principes se vai espalhando nas regiões mais polares. Os nossos temores de Godos , de Ostrogodos e Vandalos desvaneceram-se. Estes povos do se-

ptemtrio da Europa , numerosos , fortes , e pouco apegados a huma vida , que mais parecia morte , avidos de tudo quanto não podia espontaneamente produzir o seu solo , já estão sepultados para sempre no abysmo do esquecimento : as novas gerações tem formado antes hum poderoso dique à temida inundação sarmata.

Entretanto querem-nos fazer capacitar de que tantos progressos da humanidade não poderiam ser proficuos à Italia ! Por huma lei de *biologia* social foi esta condemnada sem appellação a huma proxima barbaria egypcia , ou phenicia !! Homens eminentes previram , sentenciaram ; jovens discipulos e sequazes vão alli colhendo signaes e provas , para fazerem crer no vaticinio , e confirmar a sentença !! As lisongeiras recordações do vigor de entendimento e coração dos povos do Lacio , e da magra Grecia são para elles as provas luminosas da passagem social da civilisação para a barbaridade. Se em defeza pertendeis lembrar , que entre os descendentes daquelles não faltaram genios , que com superioridade colheram as palmas destinadas segundo os tempos aos corypheos da civilisação ressurgida ; elles polidamente nos concedem que o Dante occupasse o cume do parnaso moderno ; que na época das discussões theologicas vencesse persuadindo a todos o fradinho de Aquino : que nas obras de Machiavello se achem as regras eternas da politica ; que o Galileo abrio caminhos mais seguros à astronomia ; que novas fontes de saber se acham em Vico ; e que entre os inventos uteis não são para desprezar as descobertas italianas da Bussola , da Pilha Voltaica , e da America. Concordam comnos-

(*) A redacção sente sobremansira não ter recebido o artigo supra a tempo de lhe dar o lugar que lhe compete na secção -- sciencias.

co, que nas bellas artes chegaram os italianos em todas ao apice da perfeição grega; e por hum excesso de liberal bondade permittem que italiano nascesse, e como italiano morresse o homem das maiores glorias militares; mas de tudo isso mesmo concluem que o periodo da vida civil da Italia está terminado; que o Cezar da Corsega fechou essa era; que os sacerdotes estão á cabeceira da martyr acelerando seus ultimos parocismos: que sua agonia está encoberta pela intolerancia papal; e a timidez vigilante dos principes italianos ficará de guarda ao seu cadaver!!!

Pareceram-me actos de apaixonado italianista as injurias, os escarneos, o silencio mesmo com que os authores de algumas revistas inglezas, e os não menos parciais da *revista britannica* nos convidaram para os funeraes da sabedoria italiana. Assombraram-se talvez ao ver o trage dos que leccionam nas nossas universidades; lembraram-se das antigas glorias; amaldiçoaram a virga ferrea da Austria, e a dôr pela grande luz, que seapaga lhe embargou na garganta os venerandos nomes das ultimas centelhas, que apesar disso resplandecem como outros tantos sóes para gloria das decadentes universidades, para honra do seculo das luzes, e do genero humano reformado...

A ultima cousa que acaba he a esperança, e nós os italianos somos esperançosissimos a ponto de crer possivel, a si como he certa, a ressurreição de hum Lazaro quadriduano. O resfriamento, a dureza, a corrupção, signaes tremendos de agonia de morte faltam ao povo italiano, que segue os preceitos, e se mantem firme na pratica da moral mais saudavel; desperta ao choque de uteis novidades; sente a necessidade da instrucção, e bramiria sempre se acaso se julgasse escravo. De huma provincia no extremo da Italia meridional surgem engenheiros taes e tantos que não ha mysterio de saber, de valor, de rectidão ainda mesmo na populosa capital do reino, onde senão vejamos homens insignes nascidos nella. D'alli, como da sede da escola pythagorica, appareceo o modesto cidadão (*Pascoal Galluppi de Crothona*) que evocou para a vida triumphante a divina philosophia de perdida memoria. Entretanto he essa a provincia menos italiana, talvez a que nunca foi latina, e antes foi sempre taxada proverbialmente de rustica, porque sempre permaneceu espartana em suas maneiras, attica nos conceitos, bruscia na coragem: provincia arguida de barbara ainda nos ultimos tempos, quando com grega sagacidade oppoz aos enganos liberaes o enthusiasmo da fé, a occupação militar o obstinado martyrio dos heróes; e que continuará a ser havida por feroz, enquanto não forem trasladadas para as pyramides as cinzas do honorando Guerreiro, cuja loucura foi castigada com injurias, e o attentado punido com o rigor das suas mesmas leis; ou finalmente enquanto não valorem para a justificação de

hum paiz as razões allegadas para a apothese das crueldades de Robespierre! O que poderao pois temer as partes mais ligadas da Italia, mais familiares entre si, e conjunctas por hum consorcio de gloria e de toda a especie de virtudes, se acaso não destruïrem, e arrancarem os escandalos vizinhos?

A intolerancia e a timidez dos governos não veda o commercio de ideias e inventos uteis com as nações estranhas; cuidam sómente em advertir e evitar os escandalos, que prejudicaram, e as imitações de formas governativas, que não agradam ainda aos mesmos reformadores. As obras de ingenho, que são o fructo predilecto da liberdade e licença, alli se introduzem por mil maneiras: são lidas; são estudadas, antes que sejam prohibidas; e o numero dos dispensados desta prohibição he sempre maior que o daquelles que as podem entender. As transgressões, por imprudencia ou por malicia, são punidas sómente nos Italianos, e pelas mesmas rasões, com as mesmas formalidades, e com as mesmas penas prescriptas pelos proprios innovadores. O asylo que prestam outros paizes aos profugos, banidos e aventureiros Italianos, retribue a Italia com usura e delicadeza, acolhendo como filhos sem fazer distincção entre pobres e ricos, a todos quer sejam banidos, quer scismaticos, hereges ou judeos; permitindo-lhes culto, industria, estudos, honras e titulos, sem lhes impôr a obrigação de abjurarem, ou de se armarem em cruzadas catholicas. Não nos assusta mais o fantasma de proxima crise europea, que alguns prevêem, e preparam. O seculo passado e o presente não são seculos de prophcias, e ainda muitas das antigas estão por verificar. De pouco tempo a esta parte introduziram-se na ordem social taes e tantos elementos novos, que seguindo a fórmula das reproduções dos tempos não se advinharam as consequencias previstas, e garantidas com a propria vida. Os nigromantes, as advinhos de praça leram melhor nas cifras, na physionomia, na palma da mão, do que o fez a maior parte no Tacito e no Machiavello. Todos aquelles que scientificamente se propozeram a percorrer huma carreira politica, tiveram de cahir no fosso. Pessoa houve que se atirou ao caminho claudicando, e parecia ora extraviada, ora perdida; porém chegou a salvo á mysteriosa meta, e se aproveitou do deslumbramento do prodigio para conservar o germen de suas opinões, salvar o partido, e vender cara a fatalidade (*).

Imprevista e incalculavel he esta idade nossa, que induzio os mais sabios historiadores da época a contar com o poder occulto das necessidades politicas. Ha huma precisão de reformas, e estas por toda a parte se vão fazendo: os Italianos ha muito tempo se advertiram das mais importantes, propozeram-nas, experimentaram-nas esperando tempo para

(*) Talleyrand.

leval-as ao fim, e saborearem seus fructos. Crise he a expressao maniaica daquelles que desejariam vêr em hum momento satisfeita essa precisão por meio de experimentos incertos, e movimentos incompativeis com a desenganada civilisação europêa; e de huma maneira geral, repugnante à pratica e ao bom senso. Maior e mais universal he portanto a necessidade da paz. O bem que ella vai produzindo, e a recordação dos damnos causados pelas ultimas vicissitudes da guerra, já traçaram o limite de harmonia às opinioes oppostas, limite que os mais audazes não se animaram a ultrapassar, sem incorrer na infamia de haver abandonado ao incerto evento de guerras civis desenfreadas, a justiça dos direitos, e a sanidade da causa publica. Por varias vezes, he verdade, tem-se os homens afastado deste limite, e sempre se chegaram a elle com desconfiança; mas esta foi sempre a arte da oligarchia dos polyglossos; producto do limo das inundações politicas, que era em maior copia na Italia, onde mais fluctuaram, e por longo tempo ficaram estagnadas. Não está porém longe o tempo em que ha de reaparever puras e resplandecentes as virtudes italianas; e inteira a confiança nos chefes dessa nação, porque a raça dos *mil vezes baptisados*, que acarinhava a democracia, e idolatrava o poder está pela maior parte extinta, e a outra, que resta, decrepita, ou saciada. Paz imploram portanto os altares, os thronos, as academias; e com os mais felizes auspicios a esperam da saude, prudencia, e firmeza do anciao lilio de Henrique, herdeiro de Napoleão, rei coroado no templo da honra franceza; contando já com a sua permanencia, pois que a Inglaterra a protege, a Russia a considera como hum titulo da sua gloria, a civilisação allemã a exige, e lhe serve de sustentaculo o Nestor da patriótica diplomacia da Austria.

Admira-me que certos viajantes tão fortes em semioptica, o astrologia politica, tão attentos para saber notar as legendas das insignias das universidades, o numero dos professores demittidos; suas opinioes, e as ordens a que pertencem, não tivessem advertido que os estados italianos chegaram a estabelecer as reformas fundamentaes; a annullar os antigos privilegios de classes, familias, pessoas, e cousas; a abrir a todos o caminho para as dignidades, honras, e propriedades; a subtrahir a justiça ao arbitrio e favor dos poderosos, sancionando leis iguaes para todos, publicadas naquelle codigo, que encerra a sabedoria dos seculos, e a compensação do sangue e das lagrimas das ultimas vicissitudes politicas da Europa. Não suppozeram que a fraternidade e a igualdade se tivessem podido legabsar na Italia sem a pompa das festas, e o chiado importuno das cigarras periodicas; pelo contrario affirmaram que a tranquillidade e o silencio, que guardava a Italia no meio dos movimentos externos e internos era demonstração de lethargo nacional.

He signal de obstinada prevençao e cegueira o silencio em que se conservam acerca do progresso do reino de Napoles, o qual tornarao effectivo e cada vez mais rapido as virtudes de hum astro, que nos resplandores excede o fundador daquella monarchia. Não podia passar inobservada a ascensao ao throno do joven rei de hum povo illuminado, livre, e ardente, acontecida no segundo semestre do anno de 1830, facto que elle tornava brilhantissimo com a franca exposiçao das enfermidades e apertos do estado, e com o classico exemplo do rigor contra a prepotencia, e de plena consideração em favor de illustres desencaminhados. Pareceu inspirada a arte com que se valêo das tristes circumstancias, que occorriam, e porque com sentimentos de paz, e apparatus de defeza, fazendo-se representar onde não podia chegar por seus dous irmaos immediatos sancionava paternaes providencias a bem do seu povo; e sem cuidados acerca do passado, sem obrigações de espouso se apresentava à frente da revolução limitrophe com serenidade tal que nem os proprios revoltosos se deram por offendidos; e tudo isto provinha do firme proposito de querer em caso extremo descer antes a classe de simples porém honrado cidadão do que aviltar a sagrada tutela dos direitos do reino. Extremosa he por certo a indole do rei, e singular no seu governo a harmonia de oppostas virtudes. Pelos dotes do seu espirito e coraçao elle teria sido ainda na qualidade de cidadão particular, optimo pai e parente, como he, incansavel no trabalho, socio fiel, amigo sincero, tutor escrupulosissimo, inimigo de encargos publicos, e adulações de corte, modesto catholico, severo patriota. Como rei soube combinar a economia com a magnificencia das obras, o apparato real com suas maneiras singelas, o valor com a prudencia, a piedade com a philosophia; de maneira que os partidarios do *realismo pessoal* estão contentes com elle; e em summo grão satisfeitos os liberaes com a liberdade do rei, e a independencia da nação, duas cousas que nunca se tinham visto antes.

Reprimimos o sentimento da nossa gratidão para não tornarmos suspeitos de exageração os louvores dados por huma alma que se recorda, por hum coraçao que espera beneficios. Abstenho-nos de produzir mais argumentos das esperanças dos italianos. Chamamos em testemunho a admiração, que as novas obras publicas, semente da capital, excitaram nos proprios marinheiros da esquadra brasileira, que alli estacionou apenas hum mez; obras que em magnificencia rivalisam com as maiores de Carlos III, com as mais ostentosas do governo militar; e na utilidade excedem a todas. Podem fazer lê testemunhas sabidas d'entre hum povo joven, ha pouco emancipado, ardente, de genio e gosto variado, o qual com a actividade que lhe he natural, e com os premios e liberalidades do governo chegou em muitas cousas a igualar as obras da civilisação de mui-

tos seculos, e tão gratos como justos descem ao coração dos italianos os elogios, a opiniao, os prognosticos, que fazem e escrevem pessoas doutas, livres, independentes e respeitaveis, quando relatam o progresso rapido, as obras dificeis e dispendiosas, que surgem no meio das riquezas, da abundancia, e do credito publico, quasi por encanto à voz, e na presença do rei Fernando II.

Não são pois mal fundadas as relações scientificas e de commercio civil entre este imperio, e a mais populosa monarchia da Italia; nem tão pouco he duvidosa a esperança de uniforme condição politica dos estados italianos, se os seus chefes com coragem *fernandina*, e com a regra do summo reformador italiano — *Tudo para o povo, nada pelo povo* — se forem modelando pelo patriarchal regimen da Toscana, fructo de amor e estudo, para harmonisar as leis e a educação com a temperatura doce do clima, e com a indole polida, e festival dos italianos. Qual seja a garantia, qual a maneira porque se tornou mais claro o horizonte politico, que promette à Italia huma paz, e huma prosperidade nunca gozada, e proximas a verificar-se, he o que vai fazer o argumento dos artigos que temos de publicar nos subseqüentes numeros deste jornal.



MODERNO ESCRITO DO DR. MARTIUS SOBRE O BRASIL.

Acabamos de receber do celebre naturalista Martius hum importante escripto da sua douta penna intitulado — *Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis* impresso em Leypsic em 1843. Nesta obra, pequena em volume porém grande em valor, depois de fallar, em hum capitulo separado, da materia medica brasileira em geral, onde além de preliminares considerações sobre os principios fundamentaes da arte de curar expõe importantes vistas medicas e therapeuticas, passa o illustre autor a fallar dos productos vegetaes brasileiros de que a medicina pôde fazer uso, classificando-os segundo hum systema que lhe he todo particular. Para que os nossos leitores façam idéa do methodo por elle adoptado, apresentamos a *clave* exposta no principio da obra, que he a seguinte: 1.ª classe, substancias amylaceas. 2.ª mucilaginosas. 3.ª pinguy-oleosas. 4.ª sacharinas. 5.ª acidas. 6.ª amargas. 7.ª adstringentes. 8.ª acres (onde trata de alguns dos nossos drasticos e emeticos). 9.ª æthereas-oleosas. 10.ª resinosas e balsamicas. 11.ª narcoticas; trazendo todas estas classes outras subdivisões: e em appendice os nossos vegetaes que podem dar tintas de diferentes côres.

Escusado será dizer cousa alguma acerca dos conhecimentos e merito do Dr. Martius, que goza na Europa da justa reputação que lhe he devida. Ao

Brasil bastará lembrar, que este sabio, recolhendo-se a Europa depois de ter percorrido em longa peregrinação huma parte das vastas provincias deste imperio, continúa cada dia a ganhar novos titulos a gratidão dos Brasileiros pelas obras magistraes, que já tem publicado e continua a publicar, onde expõe ao conhecimento do mundo as immensas riquezas naturaes, de que he tao abundante o nosso paiz.

O genio explorador do Sr. Martius nao se contentou com a superficial contemplação das maravilhas e thesouros naturaes, que se patenteavam a seus olhos em larga copia; nem viajou por simples distração. Arrostando fadigas e trabalhos, penetrou o interior das nossas florestas: observou, examinou, ouviu e colheo dos proprios selvagens interessantes informações, muitas das quaes eram mesmo desconhecidas entre nós.

Neste excellente opusculo, que encerra o melhor tratado que conhecemos até hoje acerca da materia medica brasileira, o Dr. Martius, citando muitos escriptores portuguezes e brasileiros, evidentemente deixa vêr a sua vasta erudição sobre as nossas cousas. Elle igualmente enriquece a sua obra com observações novas devidas aos conhecimentos profissionais que possui, e que o habilitam a fallar com aquella certeza e magisterio de que sómente he capaz, quem como elle soube examinar a materia antes de principiar a escrever. Entre os nomes dos autores por elle nomeados, faz-nos a honra, que muito apreciamos, de apontar tambem o nosso. He esta huma recompensa do trabalho e disvelo que empreguemos nos nossos artigos, publicados na Revista Medica Fluminense, sobre as plantas acotyledoneas e monocotyledoneas brasileiras, que podiam ter applicações medicas.

A obra que annunciamos he de hum interesse vital para os nossos praticos, todos tem necessidade de a ler e de a consultar a cada instante; e por isso, recordando-nos tambem que a lei da criação das escolas medicas do imperio exige que nas cadeiras de materia medica se leccione *especialmente* a brasileira, hoje temos o prazer de lembrar ao nosso illustrado governo este livro como o compendio proprio para preencher esta salutar exigencia da nossa legislação.

Dr. Emilio J. da Silva Maia.



ETERNO MONUMENTO DE AMOR DA PATRIA.

Quando huma nação tem grandes virtudes publicas, nunca lhe falta aquella elevação de character que a faz sobresahir entre as outras nações contemporaneas. A criação que el-rei D. João I soube dar a seus filhos e à sua cõrte, produziu tamanhos effeitos sobre o character nacional, que por quasi

dous seculos Portugal conservou a preponderancia do valor e da fortuna sobre o resto da Europa. Nestes famosos tempos a historia militar dos Portuguezes mostra illustres documentos de quanto se conheciam, e se praticavam as virtudes heroicas, que eternisaram o nome dos Gregos e dos Romanos, quando o amor da familia era generosamente sacrificado ao amor da patria.

Entre outros grandes exemplos portuguezes, bastará sómente citar o de Antonio Moniz Barreto, governador da India. Achava-se em estreito cerco a importante fortaleza de Malaca. O poder dos Achens e dos Jaos era tamanho, que a prudencia mesma desconfiava do bom successo das nossas armas. Entre grandes precisos do estado, o illustre Barreto querendo apromptar acceleradamente os recursos, que pareciam impossiveis de se haverem, diz aos moradores de Goa: « Portuguezes, trata-se de salvar a patria; tanto maior he o nosso perigo, tanto maiores sejam os nossos sacrificios. Eu tenho hum filho menino, cu o offereço gostosamente á minha patria. São necessarios vinte mil pardaos (*) para conservar Malaca; meu filho seja o penhor de que o empréstimo que fazeis ao estado vos será fielmente satisfeito. Duarte Moniz, menino de sete para oito annos, ficou em penhor.» Malaca foi conservada, e o generoso Barreto, que se desempenhou promptamente para com a cidade de Goa, deixou a todas as nações hum eterno monumento de amor da patria.

Historia Portugueza.

A PALAVRA BRASIL.

He bem sabido que já antes do descobrimento do novo mundo havia no antigo continente, e se fazia uso para a tinturaria do pão-brasil, e que hoje ainda existe em alguns lugares da Asia e até na Africa; e das arvores desta especie, que havia em hum cerco, ao pé de Angra, na ilha Terceira, lhe proveio por ventura o nome de *Monte-Brasil*, que ainda conserva.

Tambem se nao ignora que o nome dado por Cabral ás plagas occidentaes, que descobrio, foi, segundo Pero Vaz Caminha, o de terra da — Vera-Cruz, e ao depois disseram de — Santa-Cruz; — e que sendo a principio a utilidade desta terra exclusivamente a de lhe extrahir o brasil, por isso lhe chamaram *Terra do Brasil* (**).

(*) Quizeo mil cruzados.

(**) « Es tierra de infinito Brasil », dizia della Gomora em 1552 (Id., de las Indias, ed. de Surag, deste anno.) Os Italianos chamaram-lhe *reszino*, e Casal errou traduzindo (T. I, pag. 43) *verruz*.

Durão não se esqueceo de commemorar, em verso, esta particularidade no Cant. 6.º, Est. 61.

« Terra porém depois chamou a gente
« Do Brasil, não da Cruz; porque atrahida
« D'outro lenho nas tintas excellente
« etc. »
Varnhagem.

PRIMEIRA COLONIA PORTUGUEZA NO BRASIL.

De 20 de novembro de 1530 são datadas as cartas regias, pelas quaes el-rei mandou, que Martin Affonso de Sousa sahisse com hum armada a investigar as costas e terras do Brasil; autorizando-o para repartir terrenos áquelles que nellas quizessem habitar.

Aqui se deve fixar (a nosso parecer) a época da colonisação do Brasil, que logo depois se continuou com regularidade.

Martin Affonso reconheceo nesta viagem o Rio de Janeiro, chegou ao Rio da Prata, descobrio a 30 graos austr. o rio que do seu nome se ficou chamando Rio de Martin Affonso; e a 22 de janeiro de 1532, dia de S. Vicente, surgiu no porto de S. Vicente, onde lançou os fundamentos á primeira colonia portugueza do Brasil.

Navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos Portuguezes.

FABULAS.

1.ª

O PERU ENTRE AS GALINHAS.

Rubicundo peru roncava inchado
Por ver-se de galinhas rodeado:
Canta o galo visinho, e elle tremendo
Mais fino que hum cordel vai s' escondendo.

Ha generaes
Entre mulheres,
Que na batalha
Nem são alferes.

2.ª

O MONO E O RAPOZO.

Sabendo certo mono que do mato
Hum emprego vagara, sem recato
Ao raposo confessa o que sabia,
Por ser amigo seu em quem confia.

Ouve tudo o magano, e mesmo aprende
Os meios, que buscar o outro pretende,
Para o fim de alcançar o cargo honroso,
Que o vai tornar fidalgo e poderoso;
Risonho o felicitá; mas em breve
O mono fallador noticia teve,
De que o rapozo amigo s'empenhara,
E para si o emprego elle alcançara.

Cá neste mundo
Interesseiro,
O egoismo
He o primeiro.

Quando pertendam
Algum emprego,
A tal respeito
Guardem segredo.

3.^a

O CARNEIRO E O LOBO.

Contam que o rei leão se achando idoso,
Por ser de seus vassallos cuidadoso
(Honra lhe caiba, em dobro, que a memoria
De taes reis he mesquinha em nossa historia)
Quiz junto de seu throno hum ajudante,
Que fosse dos quadrupedes amante.
Para acertar na escolha pertendia
O carneiro escutar, que bem servia.
Logo a noticia vò, e sem tardança
Cada qual busca pôr-se na lembrança
Do bicho conselheiro. Este risonho
Excellencia lhe dá; outro em seu sonho,
O vio de sceptro e c'róa; e o lobo o chama
De todos o mais intimo que elle ama.
Pasmado o tolo fica, e tudo engole;
E porque he de natura hum tanto molle,
P'ra conservar do lobo a simpatia,
Ao velho rei o offerta, e não esfria,
Emquanto no poleiro não colloca
O velhaço, que o fez comer a moça.
Ministro o nosso lobo, ai do cordeiro!
Pois do banquete foi prato primeiro.

São bons amigos
Quando dependem,
Se dependemos
Só nos offendem.

Pelo bacharel Teixeira.

ANECDOTAS.

Hum marido velho estando agonizante, chamou sua mulher ainda moça, e lhe disse que morreria com grande satisfação, se lhe promettesse eficazmente que não casaria com hum militar, que lhe havia causado grandes ciumes. « Morra descansado, respondeo ella, a minha palavra já está dada a outro »

Hum fidalgo francez que visitava a bibliotheca do Escurial, aonde entao se achava el-rei, vendo a muita ignorancia do bibliothecario, voltou-se para o monarcha, dizendo-lhe: « Aqui está, senhor, hum homem bem digno de lhe entregardes a administração da vossa fazenda, pois se vê que não toca no deposito que se lhe confia. »

Queixava-se hum marido a hum chocarreiro da infidelidade de sua mulher: « Isso he hum mal de imaginação, respondeo este, de que poucos morrem, e de que muitos vivem. »

Vindo dizer-se a Luiz XIV que naquelle instante o cardeal Mazarino acabava de dar a alma a Deos, hum cortezão respondeo: « Eu, senhor, duvido que elle lha accete. »

Fazendo hum homem rico o seu testamento, em que deixava grandes donativos a todos os seus criados, parecia esquecerse do seu mordomo, lembrando-lhe alguém este descuido: o rico respondeo: « Ao meu mordomo nada deixo, porque me serve ha vinte annos. »

Confessando-se huma devota da grande paixão que tinha pelo jogo, o confessor lhe representou que, entre os grandes inconvenientes que trazia consigo esta paixão, não se devia haver como menor a perda do tempo: « He assim, meu padre, exclamou a devota, he infinito o tempo que se perde em baralhar as cartas. »

Achava-se hum homem de consideração mui gravemente enfermo, e mui gravado de dividas, veio o seu confessor, a quem elle consternado disse: « Se Deos me quizesse dar vida até eu pagar as minhas dividas, que consolação não seria a minha! » O confessor eternecido para o animar lhe responde: « He natural que Deos lhe prolongue a vida para hum tão santo fim. » Ah, meu padre, se isto he assim, eu creio vou ser immortal! »

PENSAMENTOS.

I.

Marido que à mulher diz seu peccado,
He do inferno em vida castigado.

II.

A fama que se alcança sem trabalho,
Castello he dessas cartas de baralho.

III.

A gloria he como a rosa, espinhos tem:
Nestes se arranha o que a colhel-a vem.

IV.

Somente são poder, e são dinheiro
Culto, devotos tem no mundo inteiro.

V.

Mudar o tempo influe em debil rosto,
Como n'alma que he vil mudar o pôsto.

VI.

De pertendentes he balda geral
Fallar mui bem de si, dos outros mal.

VII.

He a consciencia a mais rara fazenda,
E por menos nenhuma ha que se venda.

VIII.

Vende o vassallo sua lealdade,
Quando o rei prostitue a igualdade.

IX.

Se buscam mudar sempre as leis do estado,
Dellas o povo zomba, e o magistrado.

X.

Tanto mais habil he o diplomata,
Quantas mais consciencias arremata.

XI.

Aquelle que com menos mais alcança,
O ministro he melhor da governança.

XII.

Ministro, e lavrador devem plantar,
Possa embora a colheita lhes tardar.

XIII.

De bom ministro ignora a obrigação,
Quem segurar não sabe a occasiao.

XIV.

A virtude na terra só alcança,
Os nobres grãos da bemaventurança.

XV.

As vezes lá no pô está deitado,
O que no rico armario he procurado.

XVI.

A lei no bem geral nao baseada,
Torna o povo immoral, he desprezada.

XVII.

Quando o poder as letras cumprimenta,
A's trêtas elogios dar intenta.

XVIII.

O povo he cão que p'ra morder se solta,
E que havendo mordido aos ferros volta.

XIX.

O que a mil se prometter, e hum só alcança,
Publico emprego chama a governança.

Pelo bacharel Teixeira.

ERRATA.

No n.º 11 da MINERVA, no artigo: *Geographia do Sr. Francisco Nunes de Souza, pelo Sr. Emile Adet*, pag. 318, col. 2.ª, lin. 12, onde diz: « = $\sqrt[3]{(3,8)^2}$, ou = $3,3 \frac{1}{2}$, » leia-se: « igual à raiz cubica do quadrado de 3,3; ou = $\sqrt[3]{(3,3)^2}$, = 2,216. » Mesma pag., nas duas ultimas linhas da 2.ª col., onde diz: « Será o periodo = (69,051) = 5752 annos, » leia-se: « Será o periodo igual à raiz quadrada do cubo de 69,051; ou = (69,051) $\frac{1}{2}$ = 575,2 annos. »